



Brasil: A força de uma identidade enfraquecida

Capa: Antropofagia, de Tarcila do Amaral. Disponível no sítio www.uol.com.br/bienal/24bienal/nuh/enuhamaral01.htm

Editorial

Quinta-feira passada, dia 5 de junho, foi um dia de intensos debates e desafios para todos e todas que participaram, tanto da terceira etapa do Ciclo de Estudos sobre o Brasil quanto do IHU Idéias, que teve como tema “DNA: : potencialidades e polêmicas. 50 anos depois”, que foi também o tema de capa do IHU On-Line da última semana. No Ciclo de Estudos sobre o Brasil, os participantes, magistralmente orientados pela profª. Drª. Márcia Lopes Duarte, estudaram o clássico da nacionalidade brasileira **Os Sertões** de Euclides da Cunha. Com Euclides, jornalista, republicano, moderno, representando a ‘civilização’ fomos nos adentrando no avesso do Brasil, nos sertões do atraso, do místico, enfim, da ‘barbárie’. E com Euclides terminamos o percurso, dando-nos conta da maneira como aconteceu uma radical transformação. A barbárie não estava onde Euclides inicialmente acreditava estar. Com emoção, chegamos com o autor ao final do percurso, deixando ressoar em nossas mentes o final de **Os Sertões**: “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”. Onde está a barbárie? Onde está a civilização? É o Brasil visto pelo avesso. Numa abordagem tipicamente multidisciplinar, conforme o pungente testemunho da profª. Márcia. Finalizaremos esta primeira etapa com a discussão sobre a identidade nacional, cuja fraqueza e força o prof. Dr. Renato Janine Ribeiro, de maneira aguda e pertinente, aborda

na entrevista que publicamos neste número e que trabalhará conosco na noite da próxima quinta-feira, dia 12 de junho.

No final da tarde, tivemos uma brilhante exposição da prof^a. Dr^a. Jaqueline Josi Samá Rodrigues sobre o tema acima enunciado. A conferência e os debates que se seguiram, novamente, tornaram mais evidente a necessidade da abordagem inter, multi e/ou transdisciplinar para que possamos aprender com Euclides a ver a realidade, seja qual for, também pelo avesso, para além das fronteiras, sabendo ouvir as vozes que, talvez, num primeiro momento, nos soam 'bárbaras', 'fanáticas', 'moralizantes', por demais 'religiosas'. Assim, talvez, evitemos que, em nome da civilização e cheios de razão, caiamos na barbárie. Não por acaso, dedicamos um longo espaço para a discussão, a partir de diversas áreas do conhecimento, do filme **Matrix Reloaded**.

Uma boa leitura e uma ótima semana para todos e todas!

MATÉRIA DE CAPA

Convidado pelo Instituto Humanitas Unisinos, estará na Unisinos, na próxima quinta-feira, dia 12/6, o Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro. Ele participará de dois eventos do IHU: O **IHU Idéias**, das 17h30min às 19 horas, na sala 1C103, abordando o tema "A política que passa pelos costumes: a TV como porta de acesso à cultura brasileira da política" e o **Ciclo de Estudos sobre Brasil**, das 20h às 22h, no Auditório Maurício Berni, Centro de Ciências Jurídicas da Unisinos, com o tema "A construção do Brasil: idéias sobre a identidade nacional".

Renato Janine Ribeiro é professor titular de Ética e Filosofia Política na Universidade de São Paulo, na qual também obteve os títulos de doutor e livre-docente em Filosofia. Publicou, entre outros, os seguintes livros: **A marca do Leviatã** (1978), **Ao leitor sem medo - Hobbes escrevendo contra o seu tempo** (Belo Horizonte: UFMG, 1984), **A última razão dos reis - ensaios de filosofia e de política** (São Paulo: Companhia das Letras, 1993), **A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil** (São Paulo: Companhia das Letras, 2000, Prêmio Jabuti) e, ainda, **Democracia** (2001) e **República** (2001), ambos na coleção Folha explica, São Paulo: Publifolha. Foi presidente da Comissão de Cooperação Internacional da USP (1991-94), membro do Conselho Deliberativo do CNPq (1993-97), conselheiro (1995-97 e 1999-2003) da SBPC, bem como seu secretário (1997-99). Coordenou a programação científica das reuniões anuais da SBPC em Natal (1998) e Porto Alegre (1999). Montou o projeto de curso interdisciplinar da USP em Humanidades, tema do seu livro **Humanidades - um novo curso na USP** (São Paulo: Edusp, 2001). Recentemente lançou o livro **A Universidade e o Tempo Presente** (Rio de Janeiro: Campus, 2003).

Atualmente, Janine Ribeiro é candidato à presidência da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência)

Renato Janine Ribeiro esteve participando do Simpósio Nacional do Bem Comum e Solidariedade: Por uma ética na política e na economia, em junho de 2002, apresentando o tema **A política e o Bem Comum: por uma sociedade politicamente democrática**. A conferência está publicada no livro NEUTZLING, Inácio (org.), **Bem Comum e Solidariedade. Por uma ética na economia e na política do Brasil**, São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, p. 31-39.

O **IHU On-Line** publicou uma entrevista com Renato Janine Ribeiro na edição n. 24, de 24/7/2002.

É com alegria que o IHU acolhe o prof. Dr. Renato Janine Ribeiro para concluir a primeira etapa do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, durante a qual o evento se debruçou sobre a obra **Casa-Grande & Senzala**, de Gilberto Freyre, **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda e **Os Sertões**, de Euclides da Cunha. A segunda etapa, já toda programada, acontecerá no segundo semestre. Para maiores informações consulte o sítio www.ihu.unisinos.br. O IHU já está iniciando a preparação do 2º Ciclo de Estudos sobre o Brasil que se realizará durante o ano de 2004.

Renato Janine Ribeiro conversou com **IHU On-Line** sobre seu mais recente livro, sobre a SBPC, seu recente encontro com o Presidente Lula e sobre os assuntos que abordará nos eventos **IHU Idéias** e **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**.

BRASIL: UMA IDENTIDADE NACIONAL ENFRAQUECIDA

Entrevista com Renato Janine Ribeiro

IHU On-Line- Que aspectos o Sr. vai destacar na sua apresentação “A construção do Brasil, idéias sobre identidade nacional”?

Renato Janine Ribeiro- Vou insistir na importância de termos uma identidade nacional *enfraquecida*. Os Estados Unidos foram, durante muito tempo, um referencial nosso. Se você lê Monteiro Lobato, você vê o elogio, que ele fazia nas décadas de 1920 e 30, não só à pujança de sua economia, mas ao cadinho, ao *melting pot* que eles seriam, incorporando os excluídos do mundo, etc. Mas, desde que as lutas raciais eclodiram, nos anos 50 e 60 do século que há pouco terminou, os Estados Unidos só se mostraram capazes de garantir uma razoável, ainda que imperfeita, igualdade de oportunidades na medida em que dissolveram o *melting pot* em seus componentes. Os “afro-americanos” têm direitos, talvez maiores, na prática, que os negros brasileiros – mas o custo disso está sendo se separarem todos, e haver também italo-americanos, *Irish Americans* e por aí vai. Eles naturalizaram a sociedade, isto é, segmentaram-na conforme a origem étnica – ou eventualmente a opção sexual, o sexo ou gênero, etc. Ora, o que o Brasil tem de notável é que nós tendemos a integrar a diferença. É por isso que aqui é difícil estabelecer cotas, porque como definir quem é negro? Para os norte-americanos, é negro quem tem uma gota de sangue negro. O branco é quem só tem sangue branco. O que isso significa? Que só é branco quem é “puro”. Todo “impuro” é negro! Nossa idéia é de mistura. Criou-se aqui um intermediário, o mulato, que é o misto. Houve e ainda há muito preconceito, mas a idéia de mistura está na base da cultura. Sociedade é cultura, não é natureza.

E isso significa debilitar a identidade. Identidade tende a ser natureza. Se a temos fraca, é que nossa sociedade é mais forte cultural do que naturalmente. E é a cultura que sustenta a história, entendida como espaço da ação humana. Resumindo: temos capacidade de fazer muita coisa boa. Podemos agir. E aqui rompo com a visão usual sobre a identidade brasileira, que pergunta *quem somos* para disso inferir *como podemos agir de maneira decisiva, livre, emancipada e emancipatória*. Minha tese em meu livro *A Sociedade contra o Social* e no que desenvolvi desde então é que, justamente por termos fraca a definição de quem somos, podemos agir com maior liberdade. Então, longe de tentarmos adquirir uma identidade à força, devemos mantê-la fraca – e capaz de receber e transmitir diversos conteúdos.

IHU On-Line- Como a universidade pode contribuir para que o pluralismo se torne um valor importante para a democracia, evitando a imposição de padrões culturais distantes da nossa realidade?

Renato Janine Ribeiro- Não receio a cultura que venha, digamos, de fora. No próprio Rio Grande do Sul, há um relato – que não é aceito por todos, aliás – segundo o qual as bombachas teriam vindo de uma remessa errada de uniformes militares, que inicialmente se destinariam aos soldados britânicos na guerra da Criméia, na década de 1850, mas que teria ido parar no porto de Rio Grande. Verdade ou não, o fato é que há em todo o mundo muitos relatos desse tipo. O importante não é fechar-se: é ser capaz de incorporar, criativamente, o que vem de fora. Ora, onde temos o problema é com a TV e em certa medida com o cinema, que trazem modelos demasiado norte-americanos. Devemos enfrentar isso bem, e com cuidado, favorecendo a pluralidade. Devemos ter canais de TV menos enfeudados à produção cultural de massa dos Estados Unidos, tanto nos articulando mais com a Europa, quanto com os demais países do chamado Terceiro Mundo, quanto, finalmente, favorecendo a produção cultural brasileira. Os Estados do País se conhecem muito pouco. O Rio Grande do Sul tem uma criação cultural notável, mas só parte disso se divulga fora do Estado. O escritor Assis Brasil, por exemplo, que esgota edições aí, é bem menos conhecido no resto do Brasil. Isso tem que mudar.

TV: porta de acesso à política

IHU On-Line – Que aspectos irá destacar na sua próxima apresentação no evento IHU Idéias “A política que passa pelos costumes: a TV como porta de acesso à cultura brasileira da política”?

Renato Janine Ribeiro- Existe um modelo do que é política que se consolidou desde a Revolução Francesa. Ele prepondera na própria França e, perto de nós, na Argentina (já foi muito forte no Chile). Ele define um espaço político, que é o dos partidos, lidando com a coisa pública, e divide-se em direita e esquerda. Não nego a sua validade, que permanece. Mas note que no Brasil, sob a ditadura militar, quando a política propriamente dita foi calada, os jovens que normalmente teriam militado nela desviaram sua energia para “o sexo, as drogas e o rock’n’roll”. Os costumes, em nosso País, tornaram-se (ou talvez tenham sido já antes disso) um veículo pelo qual surgiu muita coisa que normalmente teria tomado a via política. Só que a mudança nas vidas assim efetuada é de natureza política! Quebrou-se o poderio incontrastado do chefe de família, o machismo, o autoritarismo, e tudo isso pela via mais dos costumes do que pela política partidária. Quem não entender isso não entenderá como procede parte significativa – é claro que não toda – da política brasileira.

IHU On-Line- De que maneira o estudo da televisão pode levar a uma compreensão do Brasil?

Renato Janine Ribeiro- Na verdade, falar de TV é falar de tudo. Tudo passa pela televisão. Eu escrevi durante um ano e pouco uma coluna de TV para o jornal *O Estado de S. Paulo*, que vou publicar em breve, junto com artigos sobre o mesmo assunto que tenho escrito para a revista *Bravo* e, ainda, um artigo mais longo que redigi para um projeto de Cultura e Democracia. É impressionante como tudo passa pela telinha. Ela tem notícias e entretenimento, filmes e novelas. Há gente que tem TV a cabo só para assistir a filmes. Não passa de um cinema em casa. E há quem tenha toda a sua afetividade estimulada pelas novelas.

Somos um Ocidente dissidente

IHU On-Line- Como a filosofia pode nos ajudar a compreender a identidade nacional?

Renato Janine Ribeiro- Meu ponto é que devemos fazer dialogar o melhor da filosofia política com o melhor de nossa cultura. A teoria política foi elaborada em termos de uma cultura ocidental, européia. Nós, que somos um Ocidente dissidente, não estamos rigorosamente nela. Sobram-nos e faltam-nos elementos. Tendemos, geralmente, a pensar este superávit e este déficit como devendo ser corrigidos. Penso que não. Penso que devemos entender o que pode a filosofia trazer de crítica à nossa cultura, e o que de nossa cultura pode propor novas teses filosóficas. Se não fizermos isso, nos manteremos no comentário, que tecnicamente adentra as pessoas, mas não vai muito longe disso. Aprendi, na graduação, em torno de 1970, que a filosofia propriamente dita tinha acabado e nos restava comentá-la. Mas o mundo mudou tanto, desde então, que ressurgiu a necessidade de pensá-lo filosoficamente. É este o papel que nos cabe.

O encontro com Lula

IHU On-Line- O que o Sr. comentaria da reunião do passado dia 3/6/03 com o presidente Lula?

Renato Janine Ribeiro- O presidente mostrou-se muito amigo, muito interessado nas questões da Universidade e da Ciência. Prometeu que será fiel a seus ideais de justiça social, ainda que não dê para fazer nada muito depressa. Meu receio, obviamente, é que as escolhas econômicas dificultem ou mesmo inviabilizem as políticas sociais. De todo modo, sua equipe está umbilicalmente comprometida com a justiça social. Isso é muito bom. E ele, bem como seus ministros, têm noção do papel da universidade e da melhor pesquisa no desenvolvimento tanto econômico quanto social do País. Publiquei um artigo em meu site de campanha para a SBPC (www.janine-na-sbpc.com.br), no qual detalho o que Lula nos disse.

IHU On-Line- Que aspectos da atual democracia brasileira estão mais fortes e quais estão mais fracos?

Renato Janine Ribeiro- Forte é que tenhamos uma cultura de diálogo bastante mais forte do que quando caiu a ditadura. Um exemplo. Por volta de 1996, Antonio Carlos Magalhães deu uma entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, na qual dizia que Fernando Henrique (a quem ele apoiava!) não tinha uma biografia das melhores, porque, afinal, tinha sido exilado. Em 2002, José Serra se orgulhava, em sua campanha presidencial, de ter sido exilado. A nostalgia da ditadura está acabando. Isso é bom. O que é fraco é a desigualdade social. Com ela, ficamos atados. A democracia é muito boa, mas precisa ter uma base social, sob pena de não ir além das classes médias.

IHU On-Line- Na sua carta de apresentação para as próximas eleições da SBPC, o Sr afirma que “devemos aumentar a presença da ciência na sociedade”. Como levar isso à prática?

Renato Janine Ribeiro- Já é muito grande esta presença. Veja sua roupa: certamente tudo o que você leva, ou quase, no corpo inclui tecnologia e ciência bem recentes. Leia um jornal: é enorme o papel das ciências humanas e sociais na reflexão sobre o país. Mas as pessoas não têm consciência disso. Precisamos aumentar essa consciência junto ao povo como um todo, e aumentar, junto aos cientistas, a percepção de sua importância. Com isso, faremos que uma transmissão de ciência à vida das pessoas, que hoje ocorre sem muita consciência nem planejamento por parte dos cientistas, cresça exponencialmente.

Ninguém vai até o Rubicão para pescar!

IHU On-Line- Gostaria que comentasse as idéias centrais de três capítulos de seu último livro: O que foi fazer política científica?; Erros e desafios da Filosofia no Brasil; O sentido público do ensino.

Renato Janine Ribeiro- Sobre o capítulo ***O que foi fazer política científica?***, fui membro do Conselho Deliberativo do CNPq entre 1993 e 97, além de outros cargos que exerci, eleito pela comunidade científica. Tive uma certa decepção ante o que podia ser feito e o que o foi. Espero, agora, se for eleito Presidente da SBPC, contribuir para uma nova consciência sobre a atuação social da ciência. A SBPC não tem poder nem verbas próprias, mas dispõe de uma grande autoridade, que espero utilizar para aumentar o debate público sobre o conhecimento de boa qualidade. Sobre ***Erros e desafios da Filosofia no Brasil***, a filosofia no Brasil dispõe de excelentes profissionais, tecnicamente capacitados, mas em boa medida, ela não atravessa o Rubicão. Tancredo Neves dizia, numa perla da sabedoria mineira, que “ninguém vai até o Rubicão para pescar”. Você diz “os dados estão lançados” e o atravessa. É isso o que tem faltado. Nas reuniões da sociedade da área, a ANPOF, tem havido discussões plenárias só de dinheiro para a pesquisa, ou então para prantear os nossos filósofos mortos. Neste artigo, critiquei esta redução da filosofia ao lucro e ao luto. Temos que pegar as grandes questões atuais, as mudanças na política, na ética, na arte, na teoria do ser, na ciência, e tematizá-las.

Sobre ***O sentido público do ensino***, a defesa da Universidade pública, que compartilho, tem-se reduzido, muitas vezes, à defesa do ensino gratuito. Mas o caráter público da educação deve ser mais que isso: deve ser, sobretudo, a preparação de profissionais – e de pesquisas – que resultem no bem da maior parte da sociedade. Um curso público de Direito, por exemplo, deve dar tanta atenção aos Direitos Humanos quanto ao direito tributário, comercial, etc. Ou mais, até.

Pesquisa: a falta de audácia nos temas

IHU On-Line- Como devem ser os pesquisadores e a pesquisa que o Brasil está precisando?

Renato Janine Ribeiro- Antes de mais nada, devem ter qualidade. Não adianta termos muitos pesquisadores, se não forem bons. Mas além disso devem pesquisar questões que tenham relevo. Várias vezes, recebi mestrandos que queriam apresentar, como dissertação, uma tradução de pensador clássico, o que é legítimo, desde que associado a uma introdução e a notas. Mas eles procuravam, sempre, um texto menor, eventualmente irrelevante! Para que, então? Falta, às vezes, audácia nos temas. É claro que estou falando de minha área e das Humanas. Em outras áreas, a socialização da pesquisa é maior, favorecida, por sinal, pela necessidade de compartilhar recursos, como um laboratório, por exemplo. Mas, de modo geral e ressalvada esta crítica, acho que estamos indo bem. O Brasil tem um dos melhores ambientes de pesquisa, se não o melhor, de país em desenvolvimento.

Democracia: entre a mimese e a criação

Renato Janine Ribeiro

*Disponibilizamos, a seguir, o artigo de Renato Janine Ribeiro, publicado na **Revista Cult** – nº69, 2003, p. 14 – 16. No ensaio que inaugura a nova seção da **Cult**, o filósofo discute a crise do modelo de democracia vigente no Primeiro Mundo e o fracasso antropológico da política ocidental em sua tentativa de impor a países como Iraque e Afeganistão um direito baseado no indivíduo e uma sociedade fundada na economia.*

“Até anos atrás, eu diria – como quase todos os que estudam esta questão – que há democracias consolidadas e outras, por consolidar. As primeiras estariam nos países ricos, nos quais não se conhece miséria em nível significativo, e as economias são estáveis. Já as democracias frágeis caracterizariam nações pobres, de economia vulnerável e sociedade injusta. Daí que construir uma democracia exigisse pôr fim à miséria e fortalecer a economia – uma agenda primeiro social e depois econômica (posição de esquerda), ou primeiro econômica e depois social (visão liberal). Mas quatro fatos recentes abalaram esta convicção.

O primeiro foram as eleições de 2000, nos Estados Unidos. Não é só que o derrotado no voto popular ganhasse no colégio eleitoral. É que além disso Bush deveu sua vitória à manipulação, por seu irmão, dos votos da Flórida. E o segundo caso foi a chocante votação do racista Le Pen nas eleições presidenciais francesas. As duas democracias mais sólidas do mundo, os dois países que deram nome às revoluções que – no século XVIII – inauguraram a modernidade democrática, colocaram-se no nível de uma republiqueta qualquer. Nos Estados, pela fraude. Na França, pelo número de votos dado a alguém que repudia tudo o que é direito humano.

Mas não temos só esses exemplos de Primeiro Mundo em decadência. Há o movimento contrário, o avanço daquilo que se chamava Terceiro Mundo. O Brasil, contrastando com o fiasco do Atlântico Norte, deu uma lição de democracia. Elegemos, sem tragédia, um presidente de esquerda. O presidente que saía, vendo derrotado o seu candidato, organizou uma transição tranqüila.

O quarto caso que desejo mencionar é o da Al Jazira. Não conheço ninguém que assista a esse canal, que por enquanto transmite apenas em árabe. Mas só ouvimos e lemos elogios a ele. Com jornalistas que pertenciam à BBC e a carta branca do monarca quase absoluto do Qatar, essa rede de reportagem adquiriu prestígio invejável. Já os canais norte-americanos e ingleses fizeram feio durante a guerra do Iraque. Mostraram batalhas anódinas, como se não morresse gente – uma espécie de *game*. Só a TV árabe mostrava o ponto de vista dos feridos e dos mortos. Talvez por isso, a Al Jazira foi censurada e bombardeada.

Esta rápida resenha de fatos engrena numa discussão de teoria política. Estaremos trocando os papéis que eram do Primeiro e do Terceiro Mundos? Será que os países atrasados, com déficit social, econômico e político, começam a dar aulas de democracia aos ricos? Eis uma questão fundamental para a filosofia política. Esta se construiu, nos últimos quinhentos anos, a partir de experiências inicialmente européias e, depois, norte-atlânticas. As economias pujantes do planeta ditaram a organização política mais prestigiada do mundo, que é uma democracia liberal mais ou menos atenta à dimensão social. Mas esse modelo não se universalizou. Ele teve e tem forte poder de atração sobre os países do Terceiro Mundo; não se aplicou, porém, em toda a parte.

Há duas principais razões para isso. A primeira é econômica. O mundo em que vivemos é socialmente desigual. Mas essa desigualdade não é casual ou fortuita, e sim constitutiva. Os norte-americanos não poderiam ter seu elevado nível de consumo, sem o fosso que os separa do resto do mundo. Mais que isso, para as economias dos países ricos funcionarem, parece

que as dos outros países precisam disfuncionar. Veja-se como o Brasil, apesar de fazer a "lição de casa", vive à mercê dos humores da banca internacional. Meio século depois da época em que se dizia que a democracia era artigo de ricos, um artigo que a esquerda amava pouco, a grande mudança hoje é que a esquerda passou a amá-la, sim – mas essa donzela distante continua em mãos dos poderosos e dos que têm dinheiro. A segunda razão é quase o contrário da primeira. Vimos que o clube da democracia continua aprisionado pela desigualdade social, que deriva de uma desigualdade econômica. Mas há também a questão dos valores culturais. Anos atrás, o antropólogo britânico Alan Macfarlane publicava seu ***Origens do individualismo inglês***, a partir de uma grande idéia: o fracasso das instituições parlamentares na Nigéria se deveria a não terem, elas, base na cultura africana. Transplantar uma cultura individualista inglesa, que tardou setecentos anos a se constituir, para países onde o eixo das coisas não é o indivíduo seria irresponsável. Na verdade, o melhor exemplo do que podemos chamar o *fracasso antropológico da política ocidental* se deu com a União Soviética, no Afeganistão. Ali morreu e foi sepultado o comunismo. Mas esse enterro não foi propriamente político – nem mesmo econômico. Foi antropológico, resultando do desencontro de valores. Sim, Ronald Reagan forçou a antiga URSS a gastar em armas mais do que podia, e com isso quebrou as contas dela. Mas não foi isso o decisivo, e sim o Vietnã dos soviéticos – as montanhas afegãs. Poucos sabem quais medidas os comunistas tentaram impor no Afeganistão do final dos anos 70. Pois elas *não* tinham nada de comunista. Suprimiu-se o endividamento exagerado, a repressão às mulheres, o casamento sem a livre vontade dos cônjuges. Não era 1917, mas 1789 que o PC procurava trazer para Kabul. Como a invasão soviética foi um presente dos céus para os norte-americanos, a mídia ocidental omitiu essa agenda quase liberal fincada na Ásia Central. A ironia da história é que a revolução burguesa dos comunistas afegãos não parece muito diferente da que o segundo presidente Bush pretenderá impor em Bagdá. Mas, num país bem mais fechado do que o Iraque, essas medidas se chocaram com valores extremamente arraigados.

O resultado disso se deu em dois atos. O primeiro foi a liquidação do comunismo. Arnold Toynbee insistia, há mais de meio século, no caráter ocidental (ainda que dissidente) do marxismo. Pois foi ao tentar ocidentalizar o Afeganistão que o marxismo se deu mal. Mas houve um segundo ato afegão: as torres do *World Trade Center*. A ignorância antropológica causa danos em cascata. Os mesmos norte-americanos que instrumentalizaram as tribos afegãs contra o comunismo sofreram, depois, o ataque de suas ferramentas, abandonadas e indóceis. Dizem uns que o século XX terminou ao cair o muro de Berlim (e o comunismo), outros que o século XXI começou ao caírem as torres de Manhattan. Como o Afeganistão esteve nas duas quedas, nossa tese será que tanto a morte do comunismo quanto o início do século XXI foram antropológicos. Não precisamos assumir a idéia do choque das civilizações, de Huntington, para perceber que o fim de uma era e o começo de outra têm a ver com a difícil relação entre o Ocidente e a alteridade.

Em suma, vivemos uma grande reversão de termos. Comecei com um quadrinho bem-feito e inspirador: a riqueza, quando existe e é distribuída com certa justiça, casa-se com a democracia. Daí que esta seja fenômeno de Primeiro Mundo. A Índia e o Brasil estariam num segundo time, atrasados pela miséria. Mas vimos problemas nessa explicação. Fortes valores democráticos podem aparecer em países pobres - como arma de combate pela justiça. Além disso, esses mesmos valores democráticos pedem para ser revistos. É improvável que, daqui a vinte ou trinta anos, chamemos de democracia o mesmo que leva hoje esse nome. Em vastas partes da Nigéria como do Iraque, pertencer a um clã ou a uma tribo é mais relevante do que a identidade individual. Isso significa que teremos de pensar *outro tipo de democracia*, em que os

elos de grupo não precisem ser destruídos em nome de um direito baseado no indivíduo e de uma economia fundada na divisão econômica de classes.

Para terminar: parece estar esgotado o tempo da democracia de Primeiro Mundo *versus* atraso do Terceiro. Não tem mais sentido a imitação - a política como mimese: copiar os bem-sucedidos. Está na hora de promover modelos alternativos de democracia - mas para isso temos de ajustar contas com idéias muito fortes, como a de modelo norte-atlântico a imitar, de direitos basicamente individuais, de sociedade fundada na economia. Uma catarse de nossos sonhos norte-americanos e franceses, de nosso século XVIII político, pode ser necessária para substituímos, na política, a mimese pela criação".

ACONTECE

A reforma agrária no governo Lula

Telmo Adams, integrante da área de Concentração *Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade* do IHU, participou do Painel de abertura do Seminário promovido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em conjunto com movimentos sociais envolvidos na questão. O evento buscou debater, entre as instâncias de governo, movimentos e entidades empenhadas na luta pela reforma agrária; clarear competências e responsabilidades dos sujeitos envolvidos; indicar pistas para avançar na forma mais adequada de encaminhar o processo de reforma agrária em vista de um desenvolvimento econômico e social sustentável.

Participaram do painel o representante da presidência do INCRA, Gabinete de Reforma Agrária e cooperativismo do governo do Estado, os movimentos Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf/Sul), Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag), Via Campesina e Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (Famurgs). Cada entidade apresentou seu enfoque, a partir da sua percepção, trazendo suas sugestões em vista de uma reforma agrária que enfrente o latifúndio e garanta condições de vida digna das famílias na agricultura familiar, em vista de um desenvolvimento sustentável. O Seminário desenvolveu-se até o dia 6 de junho.

1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária

IV Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho

De 1º a 3 de julho de 2003, será realizado, no Auditório Pe. Werner, o 1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária e o IV Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho. A promoção é da Cátedra Unesco- Unisinos e dos PPGS em Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde, Direito, Educação, Filosofia, História, Núcleo Local da Rede de Estudos e Pesquisas Unitrabalho e Instituto Humanitas Unisinos. O evento reúne renomados conferencistas da própria Universidade, de outros lugares do Brasil e do exterior, como Maria Ciavatta (UFF), Jean-Louis Laville (LSCI-Crida- Paris), José Luis Coraggio (Universidad General Sarmiento – Buenos Aires), Paul Singer (Secretário Nacional de Economia Solidária), Guy Bajoit (Université Catholique de Louvain – Bélgica).

O curso é dirigido a docentes, pesquisadores, acadêmicos e estudantes em geral, dirigentes, gestores de políticas e profissionais de organizações públicas e privadas, sindicalistas, trabalhadores e empreendedores solidários. Para mais informações consulte o sítio www.ihu.unisinos.br ou escreva para catedraunesco@bage.unisinos.br

O Desafio de um Projeto Coletivo de Educação

De 1º a 4 de junho, aconteceu, em Florianópolis, SC, o Seminário O Desafio de um Projeto Coletivo de Educação. A Coordenação do evento esteve a cargo da Comissão de Educação da Província do Brasil Sul Meridional, e a organização, das subcomissões de Assessoria Pedagógica, Pastoral e Administrativa. O objetivo do seminário foi contribuir na implantação de um projeto sistêmico nas escolas para a integração dos setores pedagógico, pastoral e administrativo como integrantes e participantes do projeto/processo educativo. A UNISINOS fez-se representar pelas professoras Lia Bergamo Becker, Janira Aparecida da Silva, Clarice Salete Traversini e Rosa Maria Serra Bavaresco, do Centro de Ciências Humanas.

Transdisciplinaridade

O Programa Transdisciplinaridade e os Programas de Pós-graduação da Unisinos estão promovendo dois eventos para a reflexão de assuntos ligados à abordagem transdisciplinar. Na próxima quarta-feira, dia 11/06, das 9h às 11h30min, acontecerá a Palestra "Aspectos Metodológicos da Abordagem Transdisciplinar", com o Prof. Dr. Ivan Domingues (UFMG) no Centro 1, sala 1G119, localizada junto ao Instituto Humanitas Unisinos.

Na quinta-feira, dia 12/06 das 9h às 11h30min, acontecerá a palestra "Alguns Problemas que requerem uma Abordagem Transdisciplinar", com o Prof. Dr. Paulo Sérgio Beirão (UFMG). O evento, gratuito, é dirigido a professores e professoras da graduação e pós-graduação e será realizado no Auditório Sérgio Gomes do Centro 6.

MATRIX EM CONTROVÉRSIA

O Centro de Ciências Humanas está organizando a Oficina **Matrix em controvérsia**. O evento será realizado em agosto, está sob a responsabilidade dos coordenadores dos cursos do Centro de Ciências Humanas e faz parte do projeto Uniescola, que tem por objetivo discutir com adolescentes das escolas de segundo grau as diferentes dimensões das Ciências Humanas expressas nas propostas pedagógicas dos Cursos do Centro 1. A oficina busca refletir, interdisciplinarmente, com os adolescentes as questões do Filme Matrix, de forma que configurem as áreas de conhecimento: história, sociologia, antropologia, filosofia, pedagogia e serviço social. A oficina apresentará a projeção de partes do Filme Matrix Reloaded com posteriores debates das dimensões da área humana.

IHU On-Line conversou com alguns integrantes do Projeto, assim como com outros estudantes e professores e professoras da Universidade a respeito do filme, suas novidades e possíveis críticas.

João Batista S. de Bastos é aluno da Engenharia Mecânica na Unisinos. Para ele, a abordagem religiosa é o que mais chamou a atenção do filme. "Penso que, em Matrix Reloaded, o autor procura mostrar que, a partir de que o ser humano toma consciência de

quem é, ele pode se libertar e virar um deus com poderes ilimitados (lutar com os Schmits, voar e ressuscitar, pois até mesmo um coração volta a bater) e que transcende no que parecia ser realidade (fora do Matrix), pois o que tem maior consciência consegue utilizar seus poderes fora do Matrix. E é claro um show de efeitos especiais”.

Fabiane Kunrath Siemionko, 20, cursa o sexto semestre de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda na Unisinos e é estagiária na Agência Experimental de Comunicação - Agexcom, na Universidade. Para a estudante, o filme não esteve entre aqueles que mais valoriza. “Em primeiro lugar, devo dizer que estava ansiosa para ver este filme tão comentado por todos e tão divulgado pela mídia. Como estudante de publicidade, observo o que ocorre neste meio e percebi que a sua pré-estréia foi bem difundida, bem como as críticas realizadas. Encontrava em quase todos os jornais e revistas comentários ou matérias sobre o filme. Conseqüentemente, as pessoas à minha volta comentavam tanto sobre a continuação de Matrix, o que gerava em mim uma certa curiosidade. Já havia visto o “primeiro episódio” e esperava algo parecido. Minha opinião, entretanto, divide-se em duas questões. A questão visual e cinematográfica do filme - desculpem-me os especialistas em cinema, mas meu conhecimento nesta área é restrito - acredito que foi rico em efeitos especiais e cheio de “loucuras” que deixavam os telespectadores tensos em meio a tantas manobras. Além disso, os termos técnicos de informática utilizados, exigiam do receptor um certo conhecimento para sua total compreensão. Porém, minha preferência pessoal não são os filmes como o Matrix. Prefiro filmes que abordem questões humanas e sociais, que sejam simples em seus efeitos, mas ricos em sua essência. Gosto de sair da sala de projeção com um ar pensativo e crítico, bem como realizar uma reflexão sobre a “moral” do que assisti”.

Moisés Sbardelotto é estudante de jornalismo na UFRGS e freqüentador da Biblioteca Unisinos. Para ele *Matrix Reloaded* revela uma realidade não tão fictícia. “Em entrevista a *Istoé*, um cientista dos EUA afirma que a inteligência artificial pode surgir em menos de 30 anos. No filme, em 2199, com a supremacia das máquinas inteligentes, a humanidade se refugia na última cidade humana, Zion. Morpheus e sua turma encontram em Neo a única salvação da potência artificial. Sua missão, além de resgatar as pessoas do “sonho real” e revelá-las o terror de Matrix, é impedir que as máquinas se aproximem de Zion, onde se desenvolverá a batalha final. Com isso, podemos tirar algumas considerações. Uma delas é a mais real: para onde nos levará a imensa velocidade do crescimento tecnológico? Essa questão fica muito mais presente no primeiro filme, mas *Reloaded* apresenta, com seus efeitos especiais e suas cenas impressionantes, uma probabilidade de como isso poderá ocorrer. O filme reverte todas as previsões do Bem como vencedor final, mostrando que, na realidade, o mundo real futuro poderá ser tenebroso, com seres humanos sendo “cultivados” por máquinas inteligentes e dominadoras. Porém, outra questão que o filme desperta são as raças, mesmo que não fique claro à primeira vista. Morpheus, que é negro, reconhece o “messias” em Neo, um hacker branco, dos EUA. Em Zion, o “resto da humanidade”, “aquilo que restou do domínio das máquinas”, são todos negros, apenas o “conselheiro”, o líder de Zion, é um senhor branco. Matrix, assim, nos revela uma humanidade em “virtual” e “real” desconstrução”.

Matrix e as Ciências humanas

Rosemary Fritsch Brum é uma das organizadoras do evento *Matrix em controvérsia*, do Centro de Ciências Humanas. Ela é doutora em História, pela PUC-RS; mestre em Sociologia e graduada em Ciências Sociais, pela UFRGS. Atualmente, exerce a função de

coordenadora adjunta do Curso de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas da Unisinos.

“As ciências humanas estão no cerne da metáfora proposta por Matrix: o gênero humano perde a guerra contra os computadores da inteligência artificial. Muitas são as possibilidades de leitura do filme. Fico com uma: Matrix é um sucesso de público, porque coloca mais uma vez o jogo entre a autodeterminação e a alienação.

Repetidamente o herói “Neo” é colocado diante de escolhas, mas qual a escolha legítima e não apenas a possível dadas as circunstâncias?

A história, as ciências sociais, a filosofia são áreas de conhecimento constituídas em torno desta questão, e a cada um cabe desenvolver um discurso próprio sobre o modo histórico, sociológico, antropológico, político ou filosófico de proceder a pergunta.

Desde Marx, passando por Nietzsche e Freud, os mestres das dúvidas dos dois últimos séculos, a pergunta vem agudizando a angústia do homem diante de sua fragilidade e de sua potência para construir um mundo socialmente viável.

O Serviço Social e a Pedagogia constituíram práticas de reposição do humano ameaçado socialmente. Os jovens são atraídos pela Odisséia de Neo que lidera a resistência na realidade virtual em que vive com os demais humanos instruídos. O fascínio da estética de Matrix motiva os jovens consumidores da cultura contemporânea, porque traz uma fusão belíssima de personagens da ficção cinematográfica com arquétipos da literatura clássica e popular. O jovem herói luta pelo bem na mais firme tradição maniqueísta. Essa restabelece parâmetros hoje pouco nítidos do agir e da moral humana. O Bem sempre deve vencer o Mal. Neo é a possibilidade de identificação com este despertar da consciência que os jovens procuram”.

Um filme recebido com a máxima ansiedade

Roberto Tietzmann é professor do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, mestre em Comunicação pela PUCRS, especialista em Produção Cinematográfica, pela mesma Universidade e graduado em Publicidade e Propaganda pela UFRGS. Tietzmann destaca o excesso de expectativas criado pela publicidade do filme.

“Muita gente viu **Matrix Reloaded**. E mais gente vai ver ainda. Boa parte destas pessoas saiu frustrada do filme, esperando mais. Algo mais, nem sempre claro e bem definido. De onde vem esta sensação? O “Reloaded” é um filme diferente do primeiro. A surpresa e o fascínio de descobrir que a “realidade” semelhante ao nosso cotidiano era uma simulação estão ausentes. O filme se aprofunda no paradigma definido na obra anterior, trazendo novidades técnicas e mais informação sobre os locais e contextos por onde andam os personagens. Nisto se torna um filme de ação tradicional, o que afasta o público que desfrutara a mistura de filosofia e artes marciais do primeiro. Os autores deliberadamente deixaram pontas soltas na trama, que será resolvida (segundo eles) no **Matrix Revolutions** a ser lançado no final de 2003. A falta de resolução incendiou a curiosidade dos fãs, que não descansam tentando imaginar como a história será concluída. Entre alunos e amigos correm as mais mirabolantes hipóteses. Mas entre espectadores casuais, prevalece a sensação de uma obra frustrante por não resolver inteiramente os conflitos que propõe.

O ritmo do filme também sofre, com uma divisão muito marcada entre as cenas de ação (impressionantes conforme o prometido pela divulgação) e cenas de diálogo.

É um filme que foi recebido com a máxima ansiedade e atenção por parte do público, e estas críticas são também um reflexo disso. Ao se projetarem todas as expectativas possíveis e impossíveis sobre a obra, não há nada que possa estar à altura. **Matrix**

Reloaded, neste caso, está colhendo os frutos que sua própria campanha publicitária gerou”.

A história é uma repetição dos usuais conflitos da humanidade

Renata Vieira é professora do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, Doutora em Informática, pela University of Edinburgh, Escócia, Mestre em Ciência da Computação, pela UFRGS e Graduada em Tecnologia em Processamento de Dados. Para ela, além dos efeitos visuais, o filme **Matrix Reloaded** dá o que pensar.

“O filme apresenta um mundo onde a interação humano-computador se dá por uma ligação direta do cérebro humano com um ambiente virtual simulado pela máquina. Esse mundo é a Matrix. A Matrix e suas várias versões são experimentos de um Arquiteto que tem por objetivo manter seres humanos vivos (em cativeiro) provendo energia para o funcionamento das máquinas. Para manter a vida dos humanos é preciso criar a ilusão em seus cérebros de que eles vivem em um mundo real (a Realidade Virtual). Em um dos experimentos do Arquiteto, a simulação de um mundo perfeito, a Matrix não sobrevive. Em outra simulação, a do filme, o mundo é simulado tal como ele era pouco antes da destruição da atmosfera e da dominação do homem pela máquina, mantendo seus defeitos. Nessa simulação as pessoas vivem em cidades, com carros, empregos, etc. Os humanos conectados à Matrix interagem com agentes programados (árvores, pássaros, vento, prédios, pessoas). A programação dos agentes inteligentes se dá por um entendimento (a Inteligência Artificial) de elementos como crenças, objetivos, autonomia e escolha, próprios da natureza humana. Alguns humanos conseguem se libertar do cativeiro e passam a ajudar outros a se libertarem, e é possível voltar para a matriz com a consciência de que se está inserido numa simulação. A razão para se voltar à matriz é a busca por respostas, por orientações dadas por uma mulher (ou programa), o Oráculo, representando a intuição. A história é uma repetição dos usuais conflitos da humanidade, a história da luta pelo domínio e controle. A novidade é que ela se dá entre os humanos e a máquina e ninguém vence: em diferentes níveis, há humanos controlados por máquinas e máquinas controladas por humanos, e a existência de cada um desses grupos é dependente desse controle. Voltando aos efeitos visuais, é interessante ver que agentes programados são utilizados na animação computacional do filme e que sua produção se baseia na aplicação de técnicas cuja evolução é refletida no filme”.

Discute-se o conceito de realidade, bem como o nosso grau de controle sobre a mesma

Luis Henrique Rodrigues é doutor em Management Sciences, pela Lancaster University, LU, Inglaterra; mestre em Administração, pela UFRGS; graduado em Administração de Empresas, pela UFRGS; professor do Centro de Ciências Econômicas da Unisinos.

“**Matrix Reloaded**, o segundo filme da trilogia de Larry e Andy Wachowski, assim como o inicial é uma película que pode ser comentada sobre diversos ângulos. Em termos da produção cinematográfica, o filme apresenta uma série de efeitos especiais que, de certo ponto, corroboram para a inovação tecnológica utilizada na primeira parte. No que tange ao projeto econômico, o filme está inserido dentro de um conceito amplo e sistêmico, através do lançamento de *merchandising*, animações de curta duração, lançamento previsto para novembro do terceiro filme... Ou seja, vários são os possíveis pontos de análise do filme.

Entretanto, a questão marcante na minha opinião é a possível reflexão sobre o conceito de realidade, bem como o nosso grau de controle sobre a mesma. O ambiente computacional reproduzido no filme, onde as pessoas inconscientemente habitam, com a falsa percepção de controle, pode ser comparado com a sociedade onde vivemos, tanto na questão da sua

percepção quanto no grau de controle individual sobre a mesma. O filme abre a imaginação para uma dimensão interessante de avaliação sobre a realidade percebida. Em Matrix, humanos navegam do “mundo físico” para o dito ambiente computacional através de conexões, utilizando uma “porta serial” entre a mente humana e a realidade virtual de Matrix. Nessa maneira, surge a interpretação que o próprio “mundo físico” seja, na verdade, uma outra parte do programa Matrix, sendo apenas um outro nível de percepção de controle sobre a realidade.

Em suma, trata-se de um filme motivador para uma interpretação filosófica sobre o ambiente social que habitamos, em termos da sua percepção e controle sobre a mesma”.

“MATRIX RELOADED” E A ARTE DE MANOBRAR AS PIPAS

*Publicamos o artigo de autoria de Contardo Calligaris, veiculado no jornal **Folha de S. Paulo**, de 24 de abril de 2003. Contardo Calligaris é psicanalista e doutor em psicopatologia clínica. Formou-se em epistemologia na Universidade de Genebra (Suíça). Em Paris, fez sua primeira pós-graduação (“Diplôme d’Études Approfondies”) em semiologia, com Roland Barthes.*

É membro da direção da “Association Freudienne Internationale” e da Fundação Européia para a Psicanálise, da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, e do conselho de administração da “Boston Graduate School of Psychoanalysis”.

*Calligaris escreveu sete livros, dos quais citamos **Hello Brasil, Notas de um Psicanalista Europeu viajando ao Brasil** (São Paulo: Escuta, 1991), e **Crônicas do Individualismo Cotidiano** (São Paulo: Ática, 1996).*

*De Contardo Calligaris, publicamos um artigo na edição número 43, de 18 de novembro de 2002, intitulado **Suzane: Pano de Fundo**, outro na edição número 38, de 7 de outubro de 2002, com o título **Vida Diet, Lula Light**, e uma entrevista feita pelo **IHU On-Line** na edição número 35, de 16 de setembro de 2002, que teve como título **Pedofilia e Autoridade**. Outro artigo de Calligaris, publicado por nosso boletim (**A Fantasia do Pedófilo**) pode ser encontrado na edição número 33, de 2 de setembro de 2002.. O psicanalista esteve na Unisinos em 9 de setembro do ano passado, ministrando a palestra intitulada **O que quer o pedófilo?** num evento promovido pelo IHU e o Laboratório de Filosofia e Psicanálise do PPG em Filosofia do Centro de Ciências Humanas da Unisinos.*

“Estou lendo **A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno**, de Colin Campbell (Rocco). A idéia de fundo é a seguinte: a sensibilidade romântica (que começou bem antes do romantismo) produziu a sociedade de consumo.

Eis um traço romântico que permanece em nós e que explica nosso consumismo: é a recusa de sermos reduzidos ao “aqui e agora”. Sou mais do que os quilos de meu corpo, a soma de meus haveres, a rede de meus amigos e mesmo o conjunto de meus pensamentos. Minha vida só se justifica pelos sonhos que ainda não se cumpriram. Um dia, viajarei para lugares e futuros em que serei outro e darei a plena medida de mim mesmo.

Graças a nosso romantismo, caminhamos pela vida puxando atrás de nós uma ou várias pipas. Às vezes, são pipas caídas que vêm se despedaçando pelo asfalto; outras vezes, as pipas estão tão altas acima da gente que é impossível enxergar a linha que as mantém sob o controle de nossas mãos. De qualquer forma, arrastadas pelo chão ou perdidas no céu, as pipas nos representam: não olhem para mim, olhem para a pipa, é lá que estou. Não julguem meu modesto ser, mas meus sonhos. Eu pipo, logo sou (“pipar”, nas ruas ao redor

da estação da Luz, significa fumar crack, que é uma maneira desastrada de empinar a pipa da gente).

O menosprezo pelo que somos e pelo que temos, junto com o culto do que poderíamos ser e ter, sustenta uma sede de mudança e de aquisição, ou seja, uma fantástica economia de consumo.

E não é estranho que o consumo de massa (geladeiras para todos) tenha sido uma etapa fugaz. Nossa pipa é o equivalente ao gonfalon da antiga nobreza: deve assinalar de longe quem somos e a que viemos. Dela esperamos que diga por que somos especiais e inconfundíveis. A vida pode nos igualar na necessidade e nas frustrações, mas contamos com as fantasias para provar que somos livres e, portanto, únicos.

Por isso, poucas idéias nos indignam tanto quanto a suspeita de que nossas pipas sejam manobradas por outros. Podem nos prender, mas aí de nós se uma potência misteriosa escrevesse o *script* de nossas fantasias. Ela uniformizaria os sonhos que devem garantir os vãos livres de nossa individualidade. Admito (a contragosto) que as *Wall Streets* da vida me oprimam realmente, mas não que Madison Avenue (pátria do marketing) e Hollywood me subjuguem. Isso não: minhas pipas não são papagaios.

"Matrix" nos fascinou justamente com esse pesadelo. Éramos todos tristemente iguais, adormecidos num mesmo líquido amniótico e sugados como baterias elétricas. Até aqui, tudo bem (em termos, claro). Mas, nesse sono artificial, nosso cérebro, intubado, recebia as instruções de um código comum, a matriz, que regia nossas vidas sonhadas. Isso não dá: o que nos sobra, se o outro que nos tira a vida também decide nossos sonhos?

Agora, "Matrix Reloaded" é acusado de trazer só um suplemento de efeitos especiais. Neo, Trinity, etc. seguem combatendo o domínio da matriz: penetram sua realidade virtual lutando como vírus no sistema e, de fora, na "realidade", militam na resistência da cidade dos homens livres. Ou seja, parece a mesma história. Mas não é: o novo filme é mais complexo e doloroso que o precedente.

Considere a continuidade entre os momentos em que Neo luta dentro da matriz e aqueles em que o conflito seria "real", entre a matriz e os heróis não intubados. Aparentemente, o que nos empurra a combater a matriz é uma fantasia heróica igualzinha às que a matriz permite e, quem sabe, encoraja. Aliás, num momento crucial do filme, é apresentada a Neo a hipótese de que sua luta contra a matriz seja apenas uma figura que a própria matriz produz e repete ciclicamente.

Em suma, o *script* preestabelecido de nossos sonhos pediria que sonhássemos também com nossa rebelião contra o *script*. A revolta seria mais uma figura da obediência à matriz. Lembro-me de minha consternação quando descobri que a contracultura dos anos 60 foi fomentada pelo marketing dos anos 50, segundo o qual uma nova vontade de todos serem diferentes estimularia formas inéditas de consumo.

É possível que o terceiro filme previsto acabe, babacamente, com o triunfo dos homens livres. Mas resta que "Matrix Reloaded" propõe uma meditação interessante e sombria: talvez nossa melhor rebeldia contra a dita indústria cultural não passe de uma pipa manobrada pela mesma indústria.

Na *Folha* de 23 de maio, Cassiano Elek Machado entrevistava Jean Baudrillard, filósofo que escreveu alguns livros excelentes e outros menos, como "Simulacros e Simulação". Ultimamente, com base nesse livro, em vez de sonhar em ser versado nas artes marciais e assim salvar o mundo, ele sonha em ser um intelectual francês que salva o mundo denunciando os simulacros da matriz. Baudrillard declarou não ter gostado de "Matrix Reloaded", embora não o tivesse visto. É uma pena. O filme o teria ajudado a se colocar a

pergunta: será que meu sonho não é tão previsto e manobrado pela matriz quanto os pulos e as pancadas de Neo?"

O SEGREDO DO FASCÍNIO DE 'MATRIX' SOBRE O PÚBLICO

*Sob o título acima, Rafael Ruiz, professor de História de América Colonial da USP, publicou no jornal **Estado de S. Paulo**, em 1º de junho de 2003, o artigo que reproduzimos a seguir. Os subtítulos são nossos.*

"Os cinemas da cidade estão lotados para assistir à segunda parte da trilogia de Matrix. Muitas são as teorias e as explicações que já foram dadas para explicar os motivos do seu poder de atração. O mundo de Matrix, um mundo que nos identifica e nos nomeia enquanto pertencentes ao "mundo moderno", está dividido em dois: aqueles que confiam nas máquinas e aqueles que confiam, que ainda confiam, nas pessoas.

O mundo da máquina é o mundo, como diria o agente Smith, que a gente sempre sonhou. As coisas dão certo, não há nenhuma dúvida, tudo, absolutamente tudo, está sob controle. Já o mundo das pessoas é exatamente o contrário: há muitos furos, há inúmeras incertezas, e tudo, praticamente tudo, está fora do nosso controle.

Não gosto de pensar que não controlo minha vida. É a resposta de Neo no primeiro encontro com Morfeus. É a grande sedução e o grande engano que a modernidade ofereceu à sociedade humana. Desde que Francis Bacon e Descartes assentaram os princípios do "conhecimento moderno", a técnica tem realizado inúmeros e inegáveis progressos. O preço a pagar tem sido alto: estamos correndo sério risco de deixar de ser pessoas e convertermo-nos num aglomerado de Smiths, porque acreditamos que podemos ter o controle sobre a nossa vida.

Será necessária uma longa aprendizagem, que passa pelo sofrimento, como os clássicos gregos sempre afirmaram, para Neo se convencer de que é melhor se manter humano, continuar sendo pessoa, correndo o risco de viver num mundo incerto, inseguro e, tantas vezes, submetido a falhas.

O decisivo para sair de Matrix é seguir o Coelho Branco para chegar até a festa onde Neo se encontrará com Trinity. Por que essa referência a Lewis Carroll e sua Alice no País das Maravilhas? Porque o Coelho Branco somos tantos de nós, correndo apressados, angustiados, esbaforidos até.... "Estou atrasado! estou atrasado! estou atrasado!", sem saber por que tanta pressa.

A pergunta é o que nos move

Só que para seguir o Coelho Branco, para ter uma reação de estranhamento com ele, para que realmente nos chame a atenção a sua pressa é preciso que a gente se tenha feito alguma vez essa questão: Para que tudo isso? Aonde estou querendo chegar? Por que tudo tem de ser assim tão.... tão... Nessa altura não se encontra o adjetivo que defina o mundo em que estamos, mas se encontra a porta de saída dele. É o que Trinity explica para Neo, na festa: eu sei por que você vive assim, eu sei por que você não consegue dormir à noite... É a pergunta, Neo. A pergunta é o que nos move.

O difícil, o verdadeiramente difícil de realizar, é romper com o mundo mecanizado e clean oferecido por Matrix, onde temos certeza de tudo, até das possíveis falhas que possam acontecer, como o *déjà vu*, e adentrar-se num mundo de relações e afetos interpessoais onde o que impera é a incerteza e a insegurança. É por isso que o primeiro contato entre Neo e Morfeus acaba num fracasso. Morfeus fala no celular tentando ajudar Neo a escapar da perseguição dos Smiths. Se prestarmos atenção, Morfeus exige que Neo confie nele mais de dez vezes. Na última, quando se vê diante da janela, a resposta de Neo é terminante: de jeito nenhum. E os Smiths conseguem agarrá-lo.

O admirável mundo novo dos tempos modernos

O admirável mundo novo que seria criado pelos tempos modernos carregaria em si uma profunda desconfiança no homem e uma profunda confiança no sistema dominado pela técnica e a racionalidade. A modernidade nos ensinou que se quiséssemos viver em sociedade e ser, ao mesmo tempo, felizes, não poderíamos depositar a confiança no homem, comprovadamente um dos seres (se não o único) mais falíveis do planeta.

E se as coisas não fossem assim?

Tínhamos de optar por confiar na razão pura, na técnica precisa, na ciência objetiva. Uma das consequências mais funestas do triunfo da "razão eficiente" no mundo contemporâneo é o argumento de que a simples razão, a pura técnica se justificam porque "é assim que a coisa funciona". O que Matrix resgata em cada um de nós é precisamente a pergunta: e se as coisas não fossem assim? Basta olhar para uma grande parcela da humanidade para dar-se conta de que nem todos se importam com esse tipo de argumentos, de que a eficácia e a eficiência não são os valores supremos para a maioria das pessoas, de que são muitos os que não estão dispostos a pagar o preço que a técnica cobra do mundo moderno: a renúncia a continuar sendo humanos. Matrix fala do mundo virtual e de programas que se carregam e esbanja uma enorme quantidade de efeitos técnicos e especiais. Mas fala também de que se torna preciso o reencontro do homem consigo mesmo. Um homem que não esteja cindido entre razão e sentimento, objetividade e subjetividade, eficácia e ineficácia. Matrix atrai porque tenta responder a um novo modelo de sociedade, onde seja possível a existência e a compreensão do homem como um todo; onde não seja necessário proceder a um esfacelamento do próprio homem para poder viver; onde os laços sentimentais e afetivos não entrem necessariamente em choque com raciocínios e argumentos técnicos; onde se possa viver como homens e mulheres mesmo que às vezes, ou mesmo que muitas vezes, "a coisa não funcione", porque como Morfeus explica para Neo há muita diferença entre conhecer o caminho e percorrê-lo.

Matrix propõe um sistema aberto

Matrix atrai porque propõe o homem como um sistema aberto e em frágil equilíbrio tanto perante o desconhecido, o inefável e o imprevisível como perante o engano, a mentira e o erro, que são as dimensões e o espaço onde se pode exercer a liberdade.

Parafraseando uns versos de Walt Whitman perante o mundo vazio e sórdido que lhe tocou viver, Matrix nos força também a perguntar-nos, como o poeta, perante o mundo que nos tocou viver: o que há de bom em tudo isso? resposta:

que você está aqui; que a vida existe e que há identidade. Que o poderoso jogo da vida continua e você pode contribuir com um verso. Mas, para dar ao mundo o nosso verso, é preciso que queiramos continuar sendo humanos, fragilmente humanos".

ANÁLISE DE CONJUNTURA

Governo Lula visto pelos intelectuais

Apresentamos, nesta semana, posições divergentes sobre os primeiros meses do governo Lula. Em primeiro lugar reproduzimos a entrevista de Paul Singer, professor da USP, autor renomado, austríaco que veio para o Brasil aos oito anos fugindo do nazismo, sempre foi uma referência do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na área econômica. Uma das possíveis explicações para isso é a trajetória semelhante dos dois. Antes do reconhecimento acadêmico, Singer trabalhou como operário. Hoje assessor do Ministério do Trabalho e integrante do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. Em entrevista concedida ao *O Globo*, 8-6-03, ele afirma que a política econômica do governo Lula provoca aumento do desemprego e redução da atividade econômica. Mesmo assim, continua otimista com o futuro do governo.

Após a entrevista de Paul Singer, publicamos depoimentos de Francisco de Oliveira, Paulo Arantes, Fábio Wanderley Reis, Maria da Conceição Tavares, Maria Victoria Benevides e Celso Furtado sobre o mesmo tema.

Todo este material pode ser complementado com a leitura da entrevista, publicada neste boletim, de Renato Janine Ribeiro que participou, na semana passada, da reunião de intelectuais com o presidente Lula.

Paul Singer: 'O PT está diante de um dilema'

Entrevista concedida ao jornal O Globo, 8-6-03

As alianças de Lula para se eleger e garantir a governabilidade atrapalham a execução de políticas defendidas historicamente pelo PT?

Paul Singer: Não creio. As alianças formaram uma coligação que elegeu Lula e foi ampliada após a vitória, o que implicou a formulação de programas que incluem políticas do PT mas também outras, que, em parte, contradizem as primeiras. O eleitorado deu, por ampla maioria, um voto a Lula para que ele fizesse as escolhas que achasse as melhores para o país. Foi o que ele fez e está fazendo.

As alianças e o poder afastaram o PT de seus objetivos originais?

Singer: Na medida em que as opções do governo não coincidem com o que poderíamos considerar as políticas defendidas pelo PT, o partido está diante do dilema de tentar impor as suas políticas ou se solidarizar com o governo e abrir mão daquelas que contradizem as opções do governo. Esse dilema não está resolvido e vai levar algum tempo até que o PT tome suas decisões. Até lá os debates vão continuar na direção partidária, nas bancadas e nas bases. Acredito que serão essas que terão a palavra decisiva.

Lula se arrisca a repetir Fernando Henrique e ficar refém dos aliados?

Singer: Não creio que FH tenha ficado refém de aliados. Acho que ele fez as opções de governo nas quais acreditava e acredita. Discordo de muitas delas, mas nunca ouvi o ex-presidente dizer ter sido obrigado a tomar decisões que não desejava por causa de aliados. Acho que Lula tampouco é refém de seus aliados.

O que fazer para que o país volte a crescer?

Singer: Lula está procurando combinar uma política macroeconômica ortodoxa com políticas mesoeconômicas que vão na direção oposta. Enquanto mantém juros altos e oferta de crédito bancário restrita, o presidente promove a liberação das cooperativas de crédito e a ampliação do microcrédito. O resultado esperado seria a expansão de crédito a juros mais baixos para pequenos e microempresários, enquanto as empresas de maior tamanho continuariam tendo de lidar com uma política monetária restritiva. Lula aposta na volta do crescimento pela expansão dos pequenos, ou seja, com redistribuição de renda.

O senhor concorda com Frei Betto, quando ele diz que o PT chegou ao governo, não ao poder?

Singer: Concordo. O que ele quis dizer, acho, é que o PT não governa sozinho o Brasil e que os interesses das camadas sociais representadas pelo PT não serão os únicos a serem atendidos pelo governo Lula.

A ameaça de expulsão dos radicais não é um sinal de distanciamento do PT de seus objetivos originais?

Singer: A ameaça de expulsão de parlamentares que declaram não pretender votar propostas do governo é tão precipitada como as declarações deles. Há muito mais gente no PT e na bancada que não concorda com as mesmas propostas, mas que se empenha em convencer o resto do partido; o que é a atitude correta. Mas entendo a reação subjetiva dos radicais e espero que as instâncias partidárias também tenham essa compreensão.

O governo tem responsabilidade pelo índice recorde de desemprego e pela queda da atividade econômica? Ou isso é reflexo da era FH?

Singer: As políticas adotadas pelo governo atual contribuem para a elevação do desemprego e a queda da atividade econômica, o mesmo valendo para as políticas do governo anterior. A piora das condições sociais e econômicas vinha ocorrendo há anos e isso é responsabilidade do governo FH, mas o que ocorre a partir deste ano é responsabilidade do governo atual. É difícil medir o tamanho da responsabilidade de cada governo, mas acho justo considerar tempo de governo como um critério para medição.

Como o senhor vê os programas sociais, em especial o Fome Zero?

Singer: Ainda é cedo para avaliar, mas acredito que o governo Lula tem capacidade para formular e implementar excelentes programas sociais. A discussão do Plano Plurianual poderá dar indicação a esse respeito. O Fome Zero é sério e está sendo realizado com muito empenho, mas vai necessitar de muito mais tempo e muito mais recursos para atingir todos os seus objetivos.

O que Lula poderia ter feito mas ainda não fez?

Singer: Poderia ter criado um conselho de peritos para assessorá-lo na formulação das políticas fiscal e monetária, como fazem outros governos. A Fazenda e o BC continuariam com a responsabilidade executiva, mas seria bom para o presidente e para o Brasil que fossem confrontadas com outras opiniões.

O senhor saiu otimista da reunião dos intelectuais com Lula?

Singer: A reunião mostrou a disposição do Presidente e de Ministros de ouvir opiniões independentes, que às vezes divergem das suas. O diálogo vai prosseguir, o que contribui para aperfeiçoar o processo de tomada de decisões. Isso me deixa otimista.

Lula tem dito que é cedo para julgar o governo. O senhor concorda?

Singer: Concorro, mas o governo é avaliado o tempo todo, à medida que opta entre ideologias e interesses. Ao longo do tempo, as avaliações vão se cristalizando até que se forme o veredicto da História, que, diga-se de passagem, nunca é definitivo.

Como o senhor vê o fenômeno de Lula ter quase 30% a mais de aprovação que seu governo?

Singer: Essa avaliação ainda precoce do Presidente e do governo é interessante. Ela expressa a enorme confiança que o povo tem em Lula, independentemente do que faz ou deixa de fazer o governo. A aprovação menor dos governantes leva a crer que para parte dos cidadãos Lula não faz tudo o que quer à frente do governo. Se pudesse, faria políticas melhores. Na verdade, o governo de um país tão grande e diferente nas várias regiões não é, nem pode ser, controlado completamente pelo presidente e seus homens de confiança. A política governamental depende de uma ampla equipe composta de dezenas ou talvez de centenas de pessoas, cujas iniciativas contribuem, em muito, para o desempenho da máquina. O que talvez explique a diferença de aprovação do Presidente e de sua equipe.

Francisco de Oliveira: O enigma Lula está resolvido. A vertente da ruptura perdeu.

Na última quinta-feira, na USP, foi lançada a revista **Margem Esquerda**, da Boitempo Editorial, com o debate intitulado "O Pensamento Crítico no Brasil de Lula". Neste debate, segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, 8-6-03, participou, entre outros, Francisco de Oliveira, sociólogo. Francisco de Oliveira estará na Unisinos no segundo semestre, participando do Ciclo de Estudos sobre o Brasil e do IHU Idéias.

Segundo **Francisco de Oliveira**, a eleição de Lula só foi possível pelo "desmonte da política" levado a cabo pelo governo Fernando Henrique Cardoso. Ao desestruturar e enfraquecer, com suas opções de política econômica, simultaneamente a burguesia e os trabalhadores, FHC logrou desmontar "as relações de representação [política] e de força dos dois lados". Nessa ausência de hegemonia, Lula, antes rejeitado, foi eleito e constituiu-se num enigma - pois poderia pender para o lado da continuidade ou da ruptura. O enigma, disse na USP o sociólogo, já se desfez. "A luta foi ganha pela continuidade. A vertente da ruptura perdeu."

Paulo Arantes, filósofo, professor da USP, também participante do debate acima mencionado, sentenciou: "Uma vez adotada a atual política macroeconômica, que não é especificamente brasileira, mas mundial, a saída é uma impossibilidade lógica". E disse que pretendia tentar explicar "esse milagre ideológico que é a conversão do maior partido de esquerda do Ocidente". E como entender, ele perguntou, sempre segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, que o governo do Presidente Lula se esforce a cada 24 horas para manter a confiança dos mercados e, ao mesmo tempo, prometa sempre o advento da mudança (ficando, a cada dia, mais fraco politicamente)? Como é possível que o PT diga hoje: "Essa receita não deu certo nos últimos oito anos, mas vai dar certo agora"?

O professor de Filosofia criticou ainda a forma de discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o que chamou de "espetáculo" das analogias e metáforas. "Se eu fosse fazer uma crítica

direta ao Presidente, diria que isso é a coisa mais execrável que existe. Esse congelamento, essa imbecilização da opinião pública, tratada como débeis mentais, na base desses provérbios congeladores e imbecilizadores."

Fábio Wanderley Reis, cientista político, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em entrevista ao jornal **Folha de S. Paulo**, 8-6-03, discorda dos argumentos apresentados por Francisco de Oliveira e Paulo Arantes, afirmando: "Eu não vejo razão para que, tão precocemente, se tenha uma avaliação tão taxativa a respeito da possibilidade da chamada fase dois ou de uma reorientação no rumo do governo. Eu concordo com a idéia de que, obviamente, não se trata de engambelar os investidores internacionais durante alguns meses e depois fazer a revolução, dar uma guinada de 180 graus e ir na direção oposta. O espaço de manobra é efetivamente estreito, mas, por outro lado, uma política de arrumação da casa bem sucedida pode sim abrir espaços para esforços que sejam eventualmente bem sucedidos". Segundo ele, "um governo Lula que começasse tentando fazer o que quer que fosse de diferente dessa administração da crise que já vinha, dessa arrumação da casa, teria criado uma catástrofe. Havia uma imposição. Nós estávamos dentro de uma emergência muito clara, o país estava caminhando para uma crise séria. Não faz sentido dizer que o jogo acabou, sugerindo que o jogo poderia ser jogado de outra maneira, quando isso não é verdade".

Maria da Conceição Tavares, economista, professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora associada da Universidade de Campinas (Unicamp) no artigo "Juros e câmbio: as armadilhas continuam" publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 8-6-03, afirma peremptoriamente: "A atual política monetária é impotente para determinar a taxa de câmbio real e, embora possa influir na nominal (estando hoje, aparentemente, buscando um "pisso" de cerca de R\$ 3 por US\$ 1), tampouco consegue estabilizá-la, dada a flutuação na entrada e saída de capitais e a mudança nas posições "compradas" e "vendidas" nos mercados especulativos. Não é politicamente aceitável que o Estado brasileiro seja destruído a pretexto de um "ajuste fiscal" crescente, impossível de manter com a atual taxa de juros (a Selic) e um declínio projetado do PIB para o segundo semestre. Além disso, estamos amarrados a um acordo com o FMI que estabelece limites para a relação dívida/PIB, o que torna a política de juros básicos altos e a política fiscal inteiramente contraditórias. Tampouco é aceitável que o emprego dos trabalhadores seja mandado para o "buraco negro" da recessão e agora (de novo!) que a reposição dos salários seja combatida para evitar a "inflação inercial" como se se tratasse do velho modelo de "conflito distributivo" da PUC/RJ (a propósito, ver Franklin Serrano: "Inflação Inercial e Desindexação Neutra", op cit). Em alguma hora, portanto, serão impostas decisões políticas internas "arriscadas", já que não existe nenhuma decisão técnica neutra ou de equilíbrio para as taxas de juros e o câmbio. Tais decisões devem levar em conta as atuais contradições e conflitos, sem pretensões de apelar para um Banco Central independente, que não esteja sujeito a pressões (a recente resposta dos alemães e agora do Banco Central Europeu é o quê?)".

Maria Victoria Benevides, socióloga, autora de vários livros, participou do encontro de intelectuais petistas com o Presidente Lula. Segundo reportagem publicada no jornal **O Globo**, 8-6-03, para Maria Victoria Benevides, "é muito grave ter que escutar de militantes antigos que não vêem diferença entre o governo Lula e o governo Fernando Henrique, ou que se sentem traídos. Mas com a herança recebida dificilmente Lula poderia fazer diferente. Para ela, "pior do que as alianças com partidos e políticos de direita, historicamente rechaçados pelo PT, é o tipo de política econômica que tem sido feita. Muita gente da antiga militância está num desânimo

muito grande. Os números sobre o aumento do desemprego e do lucro dos bancos pioraram a situação”.

Celso Furtado, economista, em declaração publicada no jornal **O Globo**, 7-6-03, afirmou que “é correto (o nível dos juros) pelo fato de que o país tem de conquistar confiança. O país está pagando um preço muito alto por isso. Estava todo mundo falando que o país não ia honrar seus compromissos (no ano passado). O que me irrita é que um país pobre tenha de pagar um preço tão grande para sair da crise”. E lamentou que “os países do G-8 não deram um passo para ajudar os países pobres” na recente reunião realizada na França e da qual participou o Presidente Lula.

DEU NOS JORNAIS

'Morrer no Trabalho Editorial do Le Monde Diplomatique

O editorial do **Le Monde Diplomatique** do mês de junho, assinado por Ignacio Ramonet, sob o título acima, é dedicado às mortes no trabalho. “Ocultado pelos grandes meios de comunicação, um documento decisivo passou despercebido: o relatório publicado pela Organização Internacional do Trabalho – OIT – denunciando que cada ano, no mundo, 270 milhões de assalariados são vítimas de acidentes de trabalho e que 160 milhões contraem doenças profissionais. O estudo revela que o número de trabalhadores mortos no exercício da sua profissão ultrapassa, por ano, os dois milhões... Cada dia, portanto, o trabalho mata cinco mil pessoas! ‘E estas cifras – assinala o relatório – estão subestimadas’”. Ignacio Ramonet afirma que “este sofrimento silencioso, este preço pago ao crescimento e à competitividade, é já denominado pelos estudiosos do direito como o ‘imposto de sangue’”. O editorial pode ser consultado no sítio do importante jornal francês.

Relações Norte-Sul: a questão mais dramática do nosso tempo Romano Prodi analisa o G8

“Havia um compromisso, várias vezes reiterado, dos países industrializados usarem 0,7% dos seus recursos para o desenvolvimento dos países em desenvolvimento. A Europa chega, com muito custo, à metade de 0,7%. Os EUA chegam a um quinto: 0,13%. A divisão do mundo é cada vez mais trágica, mas os remédios são cada vez mais tímidos. Não são suficientes os programas especiais (como os que dizem respeito à Aids ou à água) para remediar a falta de um empenho global de longo prazo. Depois de Monterrey, nos concentramos nos programas especiais como aqueles que levam o nome de Millenium Development Goal, que dão a falsa impressão que a situação melhorou. Mas não é assim. Um compromisso forte pelo desenvolvimento não se consegue concretizar não somente por causa das dificuldades dos balanços de muitos Países, mas pela indubitável miopia dos governos. A questão do Terceiro Mundo queima cada vez mais e se torna uma sombra que envolve as reuniões do Grandes” – Romano Prodi, presidente da União Européia, comentando a reunião do G8 recém realizada na França, em entrevista ao jornal italiano **La Repubblica**, 5-6-03.

Comentando as tensas relações entre a União Européia e os EUA, especialmente depois da guerra dos EUA no Iraque, Romano Prodi afirma no **La Repubblica**, 5-6-03: “O mal-estar nas relações entre a União Européia e os EUA é evidente, mas se insere numa história secular que teve altos e baixos, que tem uma dinâmica peculiar. Ao contrário, as relações entre o Norte e o Sul do mundo nunca é discutido e enfrentado com deveria. Ele parece não tão explosivo porque a mídia, de certa maneira, não dá a importância devida. Mas as relações Norte-Sul constituem-se na questão mais dramática do nosso tempo”.

As armas de destruição de massa do Iraque. Onde estão?

A imprensa internacional de hoje dedica longas reportagens e análises sobre as presumidas armas de destruição de massa do Iraque que até agora não foram encontradas.

O jornal italiano **La Repubblica**, 6-6-03, reproduz um artigo de Paul Krugman, publicado no **The New York Times**. “O mistério das armas de destruição de massa não encontradas no Iraque são cada vez menos misteriosas. Revelações recentes confirmam que a administração Bush manipulou grosseiramente os dados fornecidos pelo serviço de inteligência sobre o assunto”. Para Krugman, o problema está na administração Bush e Blair, que queriam a guerra e para isto solicitaram relatórios que corroborassem as suas posições”.

Onde estão as armas?

Pergunta Robin Cook, ex-ministro britânico

O jornal espanhol **El País**, 6-6-03, publica um longo artigo, com o título acima, de autoria de Robin Cook, que foi ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, entre 1997 e 2001.

“‘Descarado’ é a palavra que se aplica às pessoas que irradiam uma grande convicção com respeito a si mesmos sem nenhuma razão aparente que a justifique. Entre os ‘descarados’ se encontra o secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld, e isto no mais alto escalão. Antes da guerra nos disse que Saddam tinha um ‘importante arsenal de armas químicas e biológicas e um programa em atividade para desenvolver armas atômicas’. Depois da guerra, justificou o fracasso de não encontrar nenhum arsenal ou instalação nuclear dizendo que o regime de Saddam ‘teria destruído tudo antes do conflito’. Não cabe mais do que a gente se admirar de tanta falta de vergonha” – escreve R. Cook no início do seu artigo hoje publicado. E comentando a situação incômoda de Blair, R. Cook escreve: “Nesta semana, Blair suplicava a todo mundo que tivessem paciência pois ele espera que se encontrem as armas. Esta súplica coloca um problema histórico. A guerra somente teve lugar porque as potências da coalizão perderam a paciência com o inspetor-chefe do desarmamento da ONU, Hans Blix, e rejeçaram o seu pedido de mais meses para completar os trabalhos de desarmamento”.

Renda transferida

Para o setor financeiro

“Continua em curso no país uma forte transferência de renda para o setor financeiro. De janeiro a março, os bancos acumularam ganhos de R\$ 4,7 bilhões, registrando aumento de 18,7% sobre igual período do ano passado” – constata o editorial da **Folha de S. Paulo**, 5-6-03.

Trabalho precário é igual a sociedade precária Um documento dos bispos canadenses

Se o trabalho é precário, torna-se 'precária' também a sociedade. Assim, em defesa do emprego estável e contra a expansão dos empregos 'part-time' e dos contratos temporários de trabalho, os bispos católicos de Quebec publicaram um documento, no mês de maio, intitulado 'Humanizar o trabalho'. O documento constata que "uma insegurança que paralisa criou divisões e estresse na sociedade, minando a sua capacidade de responder aos desafios, como se nota na queda da taxa de natalidade". A íntegra do documento pode ser encontrada no sítio da conferência dos bispos canadenses.

Intelectual Público Intelectuais europeus e a política internacional

Jürgen Habermas, Jacques Derrida, Umberto Eco, Gianni Vattimo, Fernando Savater, Richard Rorty, entre outros, foram os intelectuais que, por iniciativa de J. Habermas, publicaram no dia 31 de maio, diferentes artigos, em vários jornais europeus, sobre o papel da Europa na atual conformação do mundo, especialmente depois da guerra dos EUA contra o Iraque. **El País** e **La Repubblica** publicaram o artigo de Jürgen Habermas e Jacques Derrida. No artigo do filósofo alemão e do pensador francês, eles formulam uma definição das novas responsabilidades políticas, superando todo e qualquer eurocentrismo. Eles fazem um chamamento em favor da reafirmação do direito internacional e das instituições como a ONU e advogam por um novo conceito e uma prática diferente dos poderes do Estado, dentro do espírito da tradição kantiana. Este artigo, além dos jornais citados, foi publicado e pode ser consultado nos jornais **Frankfurter Allgemeine Zeitung** e no **Libération**. A **Folha de S. Paulo**, 8-6-03, reproduz o artigo de J. Habermas e J. Derrida.

O Futuro da ordem (ou da desordem?) mundial Um debate aberto

"Há dois dados que não deveríamos esquecer: o dia em que os jornais informaram aos seus leitores surpresos a reafirmação de lealdade para com Bush, por parte do presidente do Governo espanhol, convidando os outros governos europeus, partidários da guerra, para o mesmo gesto. E o dia 15 de fevereiro de 2003, quando as massas de manifestantes responderam a este golpe de efeito em Londres, Roma, Madrid, Barcelona, Berlim e Paris. Ao analisá-las retrospectivamente, a simultaneidade destas impressionantes manifestações – as maiores desde o fim da II Guerra Mundial – poderia entrar nos livros de História como sinal do nascimento de uma nova opinião pública européia" – escrevem os dois autores. E constata-se que "a guerra fez com que os europeus adquirissem a consciência do fracasso de sua política exterior comum. Como no resto do mundo, ao romper tão facilmente com o Direito Internacional, também na Europa desencadeou a discussão sobre o futuro da ordem mundial".

Franca D'Agostini: o papel do 'intelectual público'

No diário italiano **Il Manifesto**, 4-6-03, Franca D'Agostini, filósofa italiana, conhecida dos colegas da Unisinos, pois a Editora Unisinos publicou dois livros de sua autoria, **Análíticos e Continentais** e **A lógica do nihilismo**. Ambos foram apresentados e debatidos em dois

eventos do **IHU Idéias** no ano de 2002. O primeiro livro foi apresentado por Anna Carolina Krebs Pereira Regner, no dia 16 de maio de 2002, e o segundo no dia 28 de novembro de 2002, pelo Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, vice-reitor da Unisinos.

Franca D'Agostini, constata que "talvez poucos perceberam que a escolha dos participantes da discussão promovida por Habermas sobre o problema da identidade européia coloca em cena o fato que a própria filosofia está em jogo no atual confronto anglo-americano e o velho continente. As divergências, de fato, dizem respeito também aos ideais e aos orientamentos teóricos de fundo. Para Habermas, o papel mais apropriado para um filósofo é aquele de 'intelectual público' que fornece, mesmo que quando isto não lhe é pedido, a consciência crítica de uma sociedade. A esta questão, não por acaso, por exemplo, Richard Rorty nem acena: para a sua tradição cultural, o filósofo é, de fato, um cientista. Em última análise, o aspecto irresponsável de muitas políticas americanas e européias consiste na carência de idealidade ou numa dificuldade de pensar em prospectiva".

Trata-se de um debate que o IHU quer acompanhar com muito interesse.

EVENTOS IHU

IHU Idéias

Celebrando os 50 anos da descoberta da estrutura do DNA, o **IHU Idéias**, do dia 5 de junho, teve como tema "DNA: potencialidades e polêmicas. 50 anos depois". O tema foi apresentado pela Prof^a. Dr^a. Jaqueline Josi Samá Rodrigues.

Ecos do Evento

"A palestra reuniu elementos muito interessantes em relação ao DNA: histórico das pesquisas, modelos moleculares, Projeto Genoma Humano, Clonagem, implicações éticas... Acredito que a palestra "DNA: potencialidades e polêmicas" foi muito oportuna e contribuiu para lançar um pouco de luz sobre muitas questões que estão em debate na atualidade"

*Carlos Geovane Steigleder,
aluno do curso Licenciatura em História da Unisinos.*

"A Dr^a. Jaqueline consegue expor de uma forma imparcial e de fácil compreensão as potencialidades e os problemas relacionados com a manipulação genética."

*Marcio Zanotto,
aluno do curso de Ciências Biológicas da Unisinos.*

"Acho importante esse tipo de discussão para que se dissolvam incompreensões naturais dos assuntos da ciência."

*Desiree Cigaran Schuck,
aluna de Biologia da Unisinos.*

“Tenho uma sugestão: Sugiro que estas palestras sejam itinerantes, isto é, que elas ocorram alternadamente entre os centros da universidade. O evento é muito importante.”

José Carlos M. Mombach
Professor do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos

Próximos IHU Idéias

12/06/03 - "A política que passa pelos costumes: a TV como porta de acesso à cultura brasileira da política" - Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro – Professor na USP

26/06/03 - "José Martí: filho do mundo colonial e precursor do anti-imperialismo" - Prof. Dr. Werner Altmann - Professor na Unisinos.

Lembramos que o evento acontece às quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1C103. No final do evento, como já é tradição, é servido café, água e chocolate quente.

ÉTICA, RELIGIÃO E SOCIEDADE SUSTENTÁVEL

O Instituto Humanitas Unisinos, em parceria com o Centro de Espiritualidade Cristo Rei (Cecrei), está promovendo o Ciclo de Estudos Ética, Religião e Sociedade Sustentável. O evento aborda temas, como as grandes rupturas da crise civilizacional contemporânea, os desafios para a construção de uma sociedade sustentável, Bíblia e Sociedade Sustentável, a reinvenção da Teologia da Criação, desafios da Ética Ecológica, e Cristianismo e Sociedade Sustentável. O evento está sendo realizado em módulos, durante alguns finais de semana, no período de 14 de março a 21 de setembro de 2003.

O primeiro módulo foi realizado nos dias 14 a 16 de março deste ano. Teve como tema "As grandes rupturas da crise civilizacional contemporânea". O segundo módulo aconteceu nos dias 25 a 27 de abril, e o tema abordado foi "Alguns desafios para a construção de uma sociedade sustentável". Nesses dois primeiros módulos, quem conduziu a temática foi o prof. Dr. Inácio Neutzling, Doutor em Teologia, coordenador do Instituto Humanitas Unisinos e professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos. O terceiro módulo aconteceu nos dias 23 a 25 de maio, tendo como tema "Bíblia: e sociedade sustentável". A ministrante do encontro foi a profa. Dra. Ir. Lúcia Weiler, Doutora em Teologia Bíblica.

O próximo e quarto módulo do evento acontece nos dias 13 a 15 de junho, tendo como tema "A reinvenção da Teologia da Criação". O ministrante do encontro é o prof. Dr. Frei Luís Carlos Susin, doutor em Teologia, professor da Faculdade de Teologia da PUC/RS.

IHU REPÓRTER



Carlos Alberto Gianotti

Mais novo de três irmãos, Carlos Alberto Gianotti, porto-alegrense, 56 anos, perdeu o pai aos dois anos e acompanhou o esforço da mãe para educar os filhos, trabalhando como professora primária. Casado com Suzana há quase 34 anos, o casal tem cinco filhos. Neide (37), filha de criação, Renata (32), Rita (30), Giordano (25) e Antonella (15). Nos últimos dez anos, Gianotti tem exercido a função de Diretor da Editora Unisinos.

Santiago de Compostela- Minha filha mais velha, a Renata, me convidou para fazer o Caminho. Ela, além de ter um espírito aventureiro, tem sua crença religiosa. Eu não tenho nenhuma das duas coisas, mas aceitei o convite, digo mesmo que gostei muito de ser convidado. Caminhamos 315 km durante 14 dias, entre 22 de abril e 5 de maio. Isso é bastante tempo para pensar, para estar consigo mesmo. Durante a caminhada vinham-me à mente passagens de minha vida bastante remotas, pessoas e situações que estavam num canto da memória. Talvez seja por isso que muitas pessoas que fazem o Caminho de Santiago voltem dizendo que há uma modificação espiritual, que durante o trajeto o peregrino se transforma; na verdade, pelo isolamento, pelo exercício e pela liberdade acessada com o contato com a natureza e pela reflexão silenciosa inevitável na caminhada, encontramos-nos com nós mesmos. Isso, nos dias de hoje é raro, pelo menos em dedicação exclusiva como acontece na peregrinação. Se a pessoa é religiosa, dá-lhe esse sentido, mas eu, que sou agnóstico, o vivi quase como uma purificação mental. Limpou minha cabeça e me proporcionou um descanso singular. Como tenho medo de avião, minhas viagens ao exterior não atingiam além-mar, esta foi a primeira ida à Europa.

Aprendizado- Quando me despedi de um cidadão belga que, com a esposa, fazia o caminho próximo a nós, entendi uma coisa simples que absurdamente nunca me ocorrera: seres humanos, somos todos iguais. As minhas diferenças com ele ou com o negro africano são meramente culturais: diferentes contextos, diferentes possibilidades. Humanamente somos iguais, padecemos os mesmos sofrimentos ou fruímos alegrias idênticas. Um dia, na Galícia, passei por uma casa de pedra, isolada, que devia estar naquela encosta de montanha há mais de cem anos. Saía dela o morador, aparência de quem vive da atividade agropastoril. Equivocado, pensei: “Ele sozinho, isolado no fim do mundo”. Logo corrigi o equívoco da formulação: “Quem vive no fim de mundo, então, serei eu; ele está na Europa, no centro de uma cultura que deu origem à minha, sou eu quem vive no fim do mundo”. Mas isso também não é exato. Esse lugar na Galícia é o lugar desse homem. Cada um está no seu lugar: ele, como eu, como um agricultor que mora numa encosta, digamos, de Alto Feliz. Todos iguais. Além disso, no mundo globalizado, o motoboy entregador de pizza de Madri é igual ao de Porto Alegre. Assim, o turismo – com sentido de conhecer outros povos – é mais um elemento de consumo nessa sociedade inelutavelmente consumista; o turismo de consumo, engendrado pela indústria de turismo, que entrou na moda nos últimos 20 anos, não é uma necessidade humana. O turista compulsório me lembra a história do macaco na gaiola: um macaco numa

gaiola é um macaco dentro de uma gaiola aqui em São Leopoldo, em Porto Alegre, no Rio, em Cuba ou em Paris. Não é viajando que, compulsoriamente, se alcança a libertação das interiores dificuldades de que somos reféns.

Autores- A minha formação está baseada na leitura de ficção. Teve importância, nessa formação, a leitura da obra completa de J. Saramago, para mim um dos maiores autores em Língua Portuguesa vivo. Deixei de lê-lo, isto é, rompi com o autor, porque resolveu subir no palanque. Nos dois últimos livros, querendo-se mostrar um homem comprometido com o que ele crê ser uma posição de esquerda, transferiu isso objetivamente para o texto literário. E literatura não é isso. O compromisso ideológico do escritor não se faz notar explicitamente na sua escritura: é interlinear. Gosto muito, ainda, de Ernesto Sabato e Juan José Saer, Júlio Cortázar e Montaigne.

Livro- *O mal-estar na civilização*, de S. Freud.

Nas horas livres- Sou corredor de rua, fundista, há 22 anos: corro durante 40 minutos no mínimo 4 vezes por semana. Gosto também de ficar quieto, isolado, pensando na vida, numa atitude totalmente contemplativa; faço isso sempre que posso. Além disso, leio.

Recordes- Corri a maratona de Porto Alegre em 1984 (42 km) e caminhei 315 km no Caminho de Santiago. Não posso negar que me orgulho desses feitos.

Grande sonho- Poder parar de trabalhar e me dedicar a fazer as coisas de que gosto. Trabalhar para consumir? Para quê?

Família- Sempre fui muito envolvido com a vida familiar, em estar sempre ao lado. Acho importante que meus filhos tenham sua independência e realizem as suas vidas, mas devem saber que estou aqui.

Editora- Entre 1978 e 1985, dei aula de Física na Unisinos. Em 1990, retornei, e há dez anos estou na Editora. Aqui tenho o grande prazer de fazer livros, acompanhando tudo desde a pré-impressão até o acabamento. O problema é a comercialização. Às vezes, as preferências do mercado dão uma sensação de frustração.

Unisinos- É uma Universidade jovem que será, se seguir neste ritmo, altamente qualificada para meus bisnetos. É uma universidade com muita organização interna, agradável de trabalhar. Não devemos esquecer: universidades crescem e amadurecem como acontece com os seres humanos. E 30 anos é muito pouco para uma universidade atingir sua maturidade.

IHU- Um organismo que se ocupa de questões sociais, políticas, religiosas e institucionais. Parece-me uma idéia singular nas universidades brasileiras. O IHU tem um sentido de denúncia das injustiças, busca dirigir o olhar da Universidade para a questão da iniquidade.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Rádio e TV

No dia 2 de junho, a Coordenação do IHU reuniu-se com Analice Bolzan, diretora de Programação da TV Unisinos e Isaías Porto, coordenador de programação da Rádio Unisinos. A pauta da reunião foi as Campanhas da Rádio e da TV.

Direitos Humanos

No dia 2, a Coordenação do IHU esteve reunida com o diretor de Centro de Ciências Jurídicas, Prof. Dr. Ielbo Souza, prof. Antônio Carlos Nedel, vice-diretor do Centro, e José Alcides Renner, gerente administrativo do Centro de Ciências Jurídicas. Participaram também os professores do mesmo centro, prof. Dr. Rodrigo Stumpf González e Prof. MS Jacques Alfonsin. A proposta discutida na importante reunião foi a parceria nos trabalhos do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania do Centro de Ciências Jurídicas, além da preparação do evento *Grito dos Excluídos* na Universidade, no segundo semestre.

Educação Política

No dia 4, a coordenação do IHU esteve reunida com Pe. Gilnei Antonio Fronza, coordenador de pastoral da Diocese de Caxias do Sul e com Maria Brendali Costa. Na reunião se discutiu a possível parceria do IHU na elaboração e realização de um Curso de Formação Cidadã e Política na diocese de Caxias do Sul, que abrange vários municípios da região serrana do RS. Também esteve em discussão a participação do IHU na preparação da Romaria do Trabalhador e da Trabalhadora que se realizará, em 2005, em Caxias do Sul.

Casas de Barro

No dia 4, a coordenação do IHU reuniu-se com Júlio Wohlgemuth e André Luiz Baptista. Júlio Wohlgemuth é pedagogo audiovisual (FAO-ONU) e técnico ambiental (ETUFRGS), com pós-graduação em economia e filosofia política (ESEADE), produziu e dirigiu documentários para o cinema e a televisão. Também é autor, com Manuel Calvelo Rios (prêmio B.R.SEN da FAO - ONU), do livro *Vídeo Rural - Pedagogia Audiovisual para a Capacitação Popular*. Coordenador do projeto *Voltando a Produzir Alimentos sem Veneno* (CTA Terra Viva). André Luiz Baptista é economista. Na reunião discutiu-se a possibilidade da realização de atividades de extensão sobre sustentabilidade e sobre o projeto Casas de Barro.

O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI

Simpósio Internacional

No dia 6, a coordenação do IHU reuniu-se com Rogério Delanhesi, da Área de Negócios da Unisinos, para apresentar o esboço do Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI a ser realizado, na Unisinos, de 24 a 27 de maio de 2004.

Grupo Temático Pastoral

No dia 6 de junho, a coordenação do IHU esteve reunida com os integrantes do Grupo Temático Pastoral. Estiveram presentes, além do Prof. Dr. Inácio Neutzling e a Profª Rosa Maria Bavaresco, coordenadora da área de concentração Teologia Pública, o Pe. Ms. José Quirino Weber sj, Prof. Ms. José Francisco da Fonseca Lara e os articuladores, Ir. Vanderlei Backes sj e Profa. Águeda Bichels.

INTERATIVO

Sala de Leitura



Estou lendo o livro ***Produzir para viver. Os caminhos da produção não capitalista***, cujo organizador é Boaventura de Sousa Santos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

É um livro que trata sobre alternativas de produção não capitalistas que se desenvolvem em diversas partes do mundo. Partindo de uma reflexão geral sobre a necessidade de ampliar o cânone da produção, diversos autores (entre eles, quatro brasileiros) analisam experiências existentes sob forma de cooperativas, associações ou empresas autogestionárias, em países como Índia, África do Sul, Brasil, Colômbia, Moçambique e Portugal, apontando perspectivas para a construção de alternativas ao modelo de globalização neoliberal.

Ana Mercedes Sarria Icaza,
professora-pesquisadora do Centro de Ciências Humanas,
MS em Sociologia, atua na área de Concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade.



Leio atualmente, do autor Joel Birman, o livro ***Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 300p.

O estatuto do sujeito no mundo moderno instigou Freud às indagações até hoje perturbadoras presentes em "O mal-estar na civilização". A necessidade de repensar os destinos da subjetividade na sociedade contemporânea é o tema central que articula os diversos capítulos do livro de Birman (psicanalista, doutor em Filosofia pela USP e pesquisador em saúde coletiva na UERJ). Trata-se de uma reflexão sobre a expressão dominante do mal-estar na cultura atual, o narcisismo, que busca compreender o sentido profundo da crítica ao individualismo, formulada pela teorização freudiana.

Marlene Teixeira,
professora no Curso de Letras e no Curso de Mestrado em Lingüística Aplicada.



Entre os livros que estou lendo, há dois que gostaria de mencionar: ***O engenheiro fidalgo D. Quixote de La Mancha***, de Miguel de Cervantes Saavedra, e ***A Condição Humana***, de Hannah Arendt. Ambos são envolventes e apaixonantes. No plano da literatura, a obra-prima de Cervantes se destaca pela extrema habilidade em revelar o que há de mais profundamente humano através da loucura de seu protagonista e da simplicidade crédula de seu improvisado escudeiro (o Sancho Pança). O autor consegue unir a comicidade (que chega a me levar às gargalhadas) com uma poética melancolia ao descrever as aventuras do último dos cavaleiros andantes. Já a obra de Hannah Arendt, focada para as discussões científicas e filosóficas, mergulha fundo no conceito de *vita activa*, desdobrada em

três dimensões: labor (referente às ações humanas diretamente relacionadas ao prover suas necessidades biológicas), trabalho (coloca a ênfase no mundo artificial construído pelo homem) e ação (atividade de interação plural entre os homens, em que a mediação das coisas fica em segundo plano). Nesse estudo, com extrema originalidade e riqueza de informações, a autora nos ajuda a melhor entender as diferenças e as semelhanças entre o homem antigo e o moderno.

*José Carlos Moreira da Silva Filho,
doutor em Direito das Relações Sociais (UFPR),
coordenador de Pesquisa do Centro de Ciências Jurídicas,
professor da Graduação e da Especialização em Direito,
pesquisador da Unisinos.*

O MEU CLÁSSICO

Ernildo Stein responde

No sentido de ajudar para quem quiser criar a sua biblioteca de textos fundamentais nas diversas áreas do conhecimento, o **IHU On-Line** expõe a obra e/ou o autor que mais marcaram a sua formação intelectual. Aproveitando a publicação do *Mais*, caderno da **Folha de S. Paulo**, 8-6-03, propondo três questões a vários intelectuais, reproduzimos neste número "os clássicos" que marcaram a vida intelectual de **Ernildo Stein**, professor de filosofia na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS) e autor de "Compreensão e Finitude" e que participou do **IHU Idéias**, dia 15 de maio de 2003, expondo o tema "Esquecimento e Memória do Ser. Uma reflexão a partir da obra de Henrique de Lima Vaz". Dele também o **IHU On-Line**, número 59, de 12 de maio de 2003, publicou uma entrevista.

Qual é o filósofo que mais influenciou a sua formação intelectual?

Não posso dizer que minha formação intelectual se deveu apenas à filosofia ou a um filósofo. Para ela convergiram, entre outras influências, meus três cursos feitos na universidade - direito, filosofia e psicologia - e minha paixão pela literatura. Cheguei a Heidegger, primeiro, através de um semestre sobre Kant ("Crítica da Razão Pura"), em 1955, do qual me vem o problema da relação entre sensibilidade e entendimento. Na tradição aristotélico-tomista, de onde eu vinha, isso não era resolvido satisfatoriamente. A questão do fundamento da síntese no juízo se tornara um problema central. Kant me ensinara algo sobre os limites da metafísica. Em segundo lugar, um curso sobre Wittgenstein ("Tractatus Logico-Philosophicus"), em 1956, trouxe-me a afirmação de que as proposições metafísicas são sem sentido. Wittgenstein afirmava o vazio da metafísica.

Quando li "Ser e Tempo", de Heidegger, em 1958, sobre o qual aprendera rudimentos na história da filosofia contemporânea, topei com a questão não-resolvida da pergunta pelo ser. Para mim, isso era o problema central da metafísica. Heidegger se propunha a examinar o sentido do ser a partir de sua analítica existencial.

Com isso se abria, para mim, um campo inteiramente novo e fantástico para a filosofia: pensar a questão do ser ligada ao "ser-aí" e, assim, a partir do tempo. Disso resultou minha tese, que traz o título "Compreensão (do Ser) e Finitude", na qual um certo idealismo da compreensão salvava ainda um realismo que liga o homem ao ser. O problema do conhecimento não deveria ser resolvido nem por uma espécie de iluminação que vinha de cima, como se afirmava na metafísica, nem pelo dualismo kantiano que perdia o mundo. A abertura do "ser-aí" enquanto "ser-no-mundo" se deveria tornar o precário fundamento (sem fundo) de qualquer

conhecimento. À medida que apareciam as obras do segundo Heidegger, realizando a destruição da metafísica e uma nova apropriação por meio da história das diversas teorias do ser que o confundiam com um determinado ente, passei a ligar o problema do fundamento do conhecimento na tradição com sua identificação com uma concepção do ente. Pareceu-me, então, ser tarefa para a solução do problema do conhecimento pensar aquilo que já sempre nos acompanha em qualquer experiência e que é uma implícita (pré-)compreensão de ser. Assim, se juntavam ontologia e conhecimento para a (dis-)solução da questão transcendental de Kant numa concepção de transcendental não-clássico, como elemento estruturante e organizador do conhecimento.

Qual o filósofo que mais responde a suas inquietações atuais?

Tendo aprendido essa lição de Heidegger sobre a metafísica e sua história, estava aberto o espaço para a aceitação da obra de Gadamer, "Verdade e Método" (1961). Descobri aí o exame da historicidade do sentido e da impossibilidade de recuperá-lo inteiramente pela consciência histórica. Essa compreensão da hermenêutica filosófica apresentou-se como um caminho para uma certa "aplicação" da filosofia ao mundo da cultura. É claro que Gadamer visava a uma verdade que se manifesta na arte, na história e na linguagem e que precede e acompanha qualquer questão de verdade e método nas ciências humanas. Mas as lições de Gadamer pareciam irrecusáveis para pensar de uma outra maneira que a ortodoxia as idéias de Marx, Nietzsche e Freud. Foi assim que me libertei da camisa-de-força do debate ideológico que envenenou muitas cabeças filosóficas no Brasil. Lendo, concordando e às vezes discutindo com Habermas e sua recepção de Heidegger, Gadamer e da hermenêutica, consegui desenvolver muitas reflexões sobre o projeto da modernidade que se reflete nas ciências humanas. Perdi por esse caminho o otimismo que pretende continuar o projeto inacabado da modernidade com uma filosofia da história. Assumi a necessidade de solapar o dualismo e o subjetivismo da modernidade, como, de certo modo, Heidegger fizera na sua crítica à metafísica tradicional. Mas cedo descobri que a hermenêutica filosófica de Gadamer não é filosofia. O universo de autores e problemas que aparecem dispersos por meio século - e que são devedores de uma tradição que foi tomando forma por meio das interpretações e evolução da fenomenologia hermenêutica de Heidegger - impõe a preparação de instrumentos de avaliação desse paradigma filosófico e de critérios para poder separar tantos discursos irrelevantes, de núcleos efetivamente produtivos para a filosofia atual. Não posso deixar de citar com especial apreço a presença das idéias de Karl-Otto Apel, sobretudo, em suas interpretações de Peirce, Heidegger, Gadamer e Wittgenstein. Mesmo que eu perceba os limites de um tipo de filosofar baseado nas análises da autocontradição performativa, não posso deixar de ver a seriedade do filósofo que opera com elas.

Qual o filósofo contemporâneo que lê com mais atenção?

Ernst Tugendhat (1930) é o autor que em grande parte acompanhei no desenvolvimento de sua filosofia. Não fosse a sua percepção de filosofia analítica e de crítica da ontologia e da fenomenologia, dificilmente eu teria encontrado (e em parte permanecido fiel), a grande tradição do pensamento analítico e da teoria do conhecimento. Agrade-me muito a maneira como esse filósofo trilhou um caminho entre a fenomenologia e a filosofia analítica da linguagem e do conhecimento.

A presença de um estilo descritivo-estrutural revela influências da fenomenologia -sobretudo nos seus ensaios descritivos de antropologia filosófica aparecem questões centrais de "Ser e Tempo". A tradição anglo-saxônica dificilmente aceita sem crítica seus estudos de filosofia analítica. Reconheço exatamente aquilo que a ela causa arrepios: uma visão de totalidade que

pretende responder a questões centrais do problema do conhecimento e explorar as bases da moral, por meio da análise da linguagem e da dimensão de profundidade que torna único o lugar do ser humano no mundo dos seres vivos. Não sei se é meu difuso contato com a tradição analítica anglo-saxônica que me revelou ângulos novos de meus velhos conhecidos da fenomenologia e que representam uma pequena legião. Devo, no entanto, confessar que progressivamente fui percebendo que a hermenêutica sem a analítica pode ser cega, mas disso também se segue, para mim, que a analítica sem a fenomenologia hermenêutica ameaça ser vazia.

Ou melhor, a analítica deve, nas minhas inquietações, enfrentar-se com um velho trauma que percorre a filosofia até hoje, desde a modernidade, e que consiste na ameaça de um dualismo, na teoria da subjetividade, e que ainda é típica herança metafísica. Uma vez estabelecida a ruptura entre entendimento e sensibilidade, entre predicação e percepção, entre as palavras e as coisas entre consciência e mundo, como encontrar uma unidade para o conhecimento? Nisso permaneço fiel a uma marca que me vem de Heidegger.

É um escândalo estarmos ainda à procura de uma ponte entre a consciência e o mundo, pois desde sempre, enquanto somos ser-no-mundo, nos é dada uma unidade na pré-compreensão do ser e de nosso modo de ser. É essa pré-compreensão que acompanha, como dimensão antecipadora, toda a discussão de sentido e significado, toda a relação entre filosofia e conhecimento empírico. Nesse ponto, Heidegger nos deu uma lição insuprimível: toda a teoria do conhecimento deve ser acompanhada de uma analítica existencial como espaço para uma ontologia fundamental. Tugendhat, entretanto, me ensinou que as intuições de Heidegger devem ser levadas à clareza pela analítica da linguagem.

Cartas do leitor

Ao IHU On Line,

Mais uma vez com a pontualidade do meio dia das segundas-feiras recebo o IHU On-Line n. 61. Vejo comovido a homenagem que recebe Ilya Prigogine, que na última quarta-feira, nos ratificou uma das nossas poucas certezas: a morte. É dele a afirmação que ajudou a desestabilizar a Ciência no final do século 20: *Só tenho uma certeza, as minhas muitas incertezas*. Obrigado pela reapresentação da sua sempre oportuna “*Carta para as gerações futuras*”.

Na matéria de capa, infelizmente, o *IHU On-Line* ratifica uma injustiça que se fez há 50 anos. Dá as glórias do feito da elucidação da estrutura do DNA a Crick e Watson, deixando de fazer qualquer referência a Rosalind Elsie Franklin (1920-1958), que teve uma contribuição muito decisiva na elucidação do DNA. A propósito é o *IHU On-Line* (n.61, p.3) que, referindo-se a Watson, o apresenta como “sendo conhecido por seu machismo e por sua verve polêmica pouco *politically correct*.” O que ocorreu, então, com Rosalind Franklin foi também uma outra evidência do quanto a Ciência é, ainda, masculina.

No sentido de resgatar a memória de quem foi injustiçada ofereço uma breve memória da dama sombria do DNA, que tem uma curta, mas dolorida história.

Com continuada admiração,

Attico Chassot
Professor do PPG em Educação

Rosalind Franklin, a dama sombria do DNA

Rosalind Elsie Franklin (1920-1958) é chamada a dama sombria do DNA. Rosalind morreu aos 37 anos, de câncer de ovário, 4 anos antes de ser outorgado o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia (1962) ao britânico Francis Harry C. Crick, ao estadunidense James D. Watson e ao neozelandês Maurice H.F. Wilkins. Há os que afirmam que foi injustamente esquecida, não apenas na premiação como nas usuais referências à descoberta do DNA. Rosalind Franklin, uma pesquisadora britânica, contribuiu significativamente para a elucidação da estrutura do DNA, pois foi com a fotografia, ela obtivera com raios X, que permitiu que Watson e Crick tivessem o lampejo para desvendar a dupla hélice. A imagem foi mostrada a eles por Wilkins, sem o consentimento de Rosalind. Usualmente os dois nomes que são lembrados, quando se refere à determinação da estrutura do DNA são os de Crick e Watson. Wilkins era, como Rosalind, especialista em cristalografia por raios X. Rosalind nasceu em Londres, em uma família judia. Quando estudava Física na Universidade de Cambridge, teve contatos com Sir William Lawrence Bragg – que ganhou, juntamente com seu pai Sir William Henry Bragg, em 1915, o Prêmio Nobel de Física. Ele usava raios X para a determinação de estruturas cristalinas. Esse contato foi decisivo para, em 1953, se poder anunciar a estrutura do DNA. Mesmo tendo publicado no mesmo número da revista Nature um artigo com seu trabalho, em que havia dois outros artigos anunciando a mesma descoberta (um de Crick e Watson e outro de Wilkins) seguiu-se daí uma série de manobras para minimizar a sua contribuição. Em 1956, teve diagnosticado câncer e nos dois anos seguintes teve uma frutífera produção acerca do vírus da poliomielite e não mais sobre DNA. Após sua morte, as pesquisas com vírus da pólio vivos foram suspensas devido ao risco de contrair a doença.

Obs.: Esta mensagem foi lida na íntegra no IHU Idéias, no dia 5 de junho, quando da exposição do tema *DNA: potencialidades e polêmicas 50 anos depois*.

Amigos do IHU,

A excelente entrevista do César Benjamin estampada na "Folha" de domingo passado, o foi na coluna do Élio Gaspari. O boletim semanal do IHU, da última segunda-feira, reproduziu um excerto da entrevista e não creditou. Acho que é um crédito necessário. A coluna é assinada e qualquer referência às suas matérias devem informar o seu autor. Sem mais,

Augusto F. Schmidt

Obs.: O excerto foi creditado somente à **Folha de S. Paulo**. Agradecemos a observação que nos ajuda a sermos mais cuidadosos e cuidadosas.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail, às segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Coordenadora adjunta: Profª Ms. Vera Regina Schmitz. Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. Revisão: Mardilê Friedrich Fabre. Fone: 5903333 ramal 1173 ou 1195. E-mail: lhuinfo@poa.unisinos.br Sítio: <http://www.ihu.unisinos.br/>



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS